



Contraponto

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes - PUC-SP

**A BOLA
DA VEZ É
DELAS**

Com a proximidade da Copa do Mundo Feminina, emerge a importância da democratização do esporte mais fundamental para a formação da identidade cultural brasileira



Editorial

As férias acabaram

Após três meses nos Estados Unidos, vivendo o sonho americano ao fugir das suas responsabilidades ainda como Presidente da República, Jair Bolsonaro retornou ao país na última quinta-feira de março, dia 30.

Um dos motivos da sua temporada na casa do *Mickey Mouse*, foi a estratégia de não passar a faixa presidencial ao Lula. Mas nada surpreendente, já que seus apoiadores fizeram um acampamento de verão por “setenta e duas horas” eternas – tentando refutar o resultado das eleições.

Esses seus seguidores sentiram saudades do ex-capitão do povo navegando desgovernadamente pelo Brasil. Encontraram uma maneira de expor a sua devoção ao ex-presidente. Invadindo a Praça dos Três Poderes. No dia 8 de janeiro, defecaram dentro dos gabinetes; danificaram obras de arte; reviraram móveis e dentre outras atrocidades – o início de um sonho, deu tudo errado. Pois os terroristas foram encarcerados. Antes, os invasores defendiam que “bandido bom é bandido morto”, o lema agora é: “Não é para tanto”. Também é válido mencionar sobre a minuta golpista encontrada pela Polícia Federal (PF) na casa de Anderson Torres – ex-ministro da Justiça e Segurança Pública de Jair Bolsonaro.

Essa equipe bolsonarista deu o que falar enquanto o ex-candidato do Partido Liberal (PL) curtia em *Palm Beach*. Os portais de notícias descobriram como o governo Bolsonaro tentou trazer presentes da Arábia Saudita em outubro de 2021 – vetados pela Receita Federal. As regalias contavam com: colar, brincos de diamantes, relógio e anel – somando cerca de R\$16,5 milhões. Esse escândalo todo resultou na prestação de depoimento do ex-presidente à PF na primeira semana de abril – Bolsonaro se fez de desentendido e depôs à Polícia que só soube das joias um ano depois da apreensão em 2021. Mesmo com provas de que o seu gabinete havia tentado retirar as joias do cofre da Receita no aeroporto de Guarulhos. Já a última do clã foram os ataques transfóbicos do deputado federal do PL, Nikolas Ferreira, no Dia da Mulher na Câmara.

Se esses acontecimentos ocorreram sem a presença do Bolsonaro, imaginem com ele sendo presidente de honra do PL. Mesmo não se rotulando como «o líder da oposição», o plano será usar a influência do “ex-capitão do povo” nas eleições municipais de 2024 – já com a maioria no Congresso. Neste Lula 3, será necessário uma cautela para a extrema direita não reinar de novo. Cobra se mata pela cabeça, não se esqueçam: Jair ainda é elegível.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Reitora Maria Amália Pie Abib Andery

Vice-Reitora Angela Brambillia Lessa

Pró-Reitor de Pós-Graduação Márcio Alves da Fonseca

Pró-Reitora de Graduação Alexandra Fogli Serpa Geraldini

Pró-Reitora de Planejamento Avaliação Acadêmicas Marcia Flaire Pedroza

Pró-Reitora de Educação Continuada Profa. Dra. Altair Cadrobbi Pupo

Pró-Reitora de Cultura e Relações Comunitárias Profa. Dra. Mônica de Melo

Chefe de Gabinete Mariangela Belfiore Wanderley

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES (FAFICLA)

Diretor Fabio Cypriano

Diretora Adjunta Priscila Almeida Cunha Arantes

Chefe do Departamento de Comunicação MiSaki Tanaka

Vice-chefe do Departamento de Comunicação Mauro Peron

Coordenador do Curso de Jornalismo Diogo de Hollanda

Vice-coordenadora do Curso de Jornalismo Maria Angela Di Sessa

EXPEDIENTE CONTRAPONTO

Editora Responsável Anna Flávia Feldmann

Editora-assistente Rafaela Reis Serra

Secretário de Redação Carlos Gonçalves

Fotografia Lídia Rodrigues de Castro Alves

Mídias Sociais Maria Ferreira dos Santos, Ramon de Paschoa

Editorias

Artes Carlos Gonçalves

Cidades Giovanna Oliveira

Comportamento Bianca Novais

Cultura Evelyn Fagundes

Direitos Humanos Gabriela Figueiredo

Economia Pedro Catta-Preta Martins

Educação Julia Takahashi

Entretenimento Paula Moraes

Esportes Lucas Malagone

Internacional Gabriela Costa

Moda Ramon de Paschoa

Política Nanda

Revisão Ana Luiza Pêgo, Anna da Matta, Daniel Seiti, Enrico Souto, Gabriel Porfirio Brito, Gabriela Costa, Gabriela Maya Freitas, Giovana Yamaki, João Curi, Julia Nogueira, Laura Mello, Marcela Foresti, Maria Sofia Aguiar e Victoria Nogueira

Comitê Laboratorial Cristiano Burmester, Diogo de Hollanda, Fabio Cypriano, José Arbex Jr., Maria Angela Di Sessa e Pollyana Ferrari

Foto da capa Foto tirada do mural de Luis Bueno no Museu do Futebol por Angela Di Sessa

Projeto e diagramação Alline Bullara

Contraponto é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUC-SP.

Rua Monte Alegre 984 – Perdizes

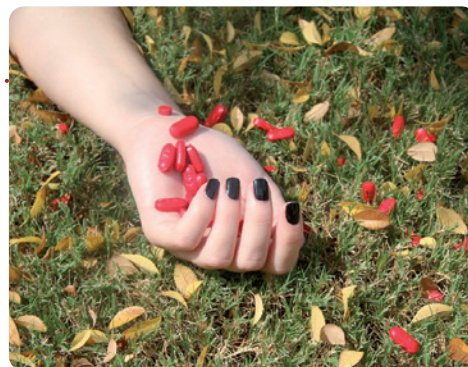
CEP 05014-901 – São Paulo/SP

Fone (11) 3670-8205

Ed. Número 135 – Abril/Maio de 2023

Política

Alerta Vermelho: a emergência do movimento <i>Red Pill</i>	4
Mais de 500 trabalhadores são resgatados em situação análoga à escravidão em 2023.....	6
Chegada do Chat GPT incita discussões sobre o futuro do jornalismo.....	7
Do restaurante até às casas: o trajeto dos motoboys.....	8
Além da pena	9



© Reprodução Hastywords (pixabay)

Internacional

Escalada militar na República Democrática do Congo traz tensão e violência para a região	10
A casa em ordem: o Brasil sob nova direção.....	11

Ensaio fotográfico

<i>Posse do Presidente Lula</i>	12
---------------------------------------	----

Cidades

"Eles só querem ser vistos e não serem deixados de lado", afirma idealizador do Projeto Orsi.....	14
---	----

Saúde

Instituto Butantan: uma história de 122 anos na vanguarda da saúde pública	15
--	----

Moda

Da androginia ao <i>genderless</i> : a (r)evolução na moda masculina.....	16
Moda consciente: consumidor pede e mercado aumenta investimento em moda sustentável.....	18
Desconstrução na vitrine: como o <i>fast fashion</i> mudou o mercado da moda.....	19

Cultura e comportamento

Desfile do Salgueiro repercute em meio a polêmicas religiosas.....	20
Centenário da Portela carrega a história do samba carioca.....	21
Michelle Yeoh e a branquitude no Oscar.....	22
De vítimas a assassinas: como a representação feminina nos filmes de terror evoluiu ao longo dos anos.....	23
Anima o terreiro!	24
A culpabilização do prazer feminino	25
Capitalização sob o corpo da mulher: hipersexualização ou empoderamento feminino?.....	26
A ascensão e a queda dos <i>reality shows</i> no Brasil.....	27

Esportes

Racismo e xenofobia: Vinícius Júnior é alvo recorrente de ataques dentro e fora de campo	29
Museu do Futebol: sua relevância cultural para o principal esporte do país	30
Onda portuguesa: o efeito dominó desde a vinda de Jorge Jesus e Abel Ferreira ao Brasil.....	32
A efetividade da implementação das torcidas únicas nos estádios	34
Futebol feminino, a luta continua.....	35
O automobilismo obsoleto	36



© Denis Doyle/Getty Images

Alerta Vermelho: a emergência do movimento Red Pill

Entenda como os movimentos misóginos da internet têm contribuído para a crescente disseminação do machismo

Por Catarina Pace, Felipe Assis Pereira da Silva, Luísa Ayres, Mariana Castilho, Marina González

A relação entre homens e mulheres sempre esteve em constante mudança. O movimento feminista já existe há mais de duzentos anos e inclui em si quatro ondas que marcaram seu desenvolvimento. As conquistas em prol dos direitos das mulheres também dizem respeito à sua participação na política e economia, tanto dentro da sociedade quanto em suas vidas pessoais.

O movimento lutou para que a estrutura patriarcal começasse a mudar, e já era de se esperar que alguns homens repensassem seus valores e atitudes em relação às mulheres, ao passo que muitos não aceitassem essas mudanças. Isso fez com que várias manifestações machistas acontecessem na década de 80, principalmente nos

Estados Unidos, mas sem êxito. Porém, com o avanço da tecnologia e a democratização da internet, os discursos misóginos voltaram com ainda mais força.

O movimento *Red Pill*, traduzido como “pílula vermelha”, é um conjunto de ideais machistas e antifeministas que homens pregam em prol de defender sua masculinidade. O nome do movimento faz alusão ao filme *Matrix* (1990), onde o protagonista Neo deve escolher entre tomar a pílula azul e seguir vivendo em um mundo ilusório ou a vermelha e entender a realidade nua e crua.

Para Carla Cristina Garcia, professora de sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), os masculinistas, homens que pregam a superioridade da virilidade masculina, combatem,

hoje, a figura que sempre combateram: “Sempre fomos retratadas como o mal. A que engana, a mentirosa, a que tem ardis. É uma luta do bem contra o mal”.

De acordo com ela, a força feminina, o posicionamento, o poder e a liberdade sexual e econômica incomodam e abalam o patriarcado – que transforma comportamentos revolucionários vindos das mulheres em ameaças à soberania histórica masculina e à essência da masculinidade.

Nesse contexto, é possível entender, por exemplo, o crescente histórico de violência de gênero na política, como uma forma de impedir o acesso e exercício das mulheres na tomada de decisões. O mesmo ocorre dentro dos lares, redes sociais ou em ambientes de trabalho e estudo.

Vocabulário

Conheça, a seguir, alguns dos termos usados pelo movimento:

Nome	Sigla/origem	Significado
Alfa	Letra retirada do alfabeto grego	Aquele que é superior ao “Beta”, mas inferior ao “Sigma”; o macho, que não se deixa ser usado por mulheres.
Beta	Letra retirada do alfabeto grego	Aquele que é submisso às mulheres; o ‘cara bonzinho’; fraco. A menor categoria masculina na ótica Red Pill.
Sigma	Letra retirada do alfabeto grego	Aquele que é o símbolo masculino, superior ao “Beta” e ao “Alfa”. Independente do ‘feminino’; acima das mulheres em todos os sentidos.
Red Pill	“Pílula vermelha”, em inglês, uma referência à obra “Matrix”	Aquele que ‘descobriu’ e que ‘enxerga’ o controle feminino; que não está dentro da ilusão da mulher.
Blue Pill	“Pílula azul”, em inglês, uma referência à obra “Matrix”	Aquele que está na ilusão feminina, preso nas “amarras” impostas pelas mulheres.
Chad	Gíria	Outra forma de chamar o “Alfa”, porém com uma pequena alteração: O “Chad” é sexualmente ativo e despreocupado com os sentimentos das mulheres, colocando apenas o seu desejo como objetivo.
MGTOW	“Homens seguindo o seu próprio caminho”, em inglês	Um grupo variante do “Redpill”; mais extremistas, acham que a sociedade deveria ser dividida entre homens e mulheres.

Machismo: de geração para geração

O *Red Pill* ficou famoso no Brasil pela internet através de cortes ou episódios completos de podcasts, com homens auto-intitulados *coaches* (do português, treinadores), que ajudam outros homens a sair das “amarras” femininas que ameaçam a sua masculinidade. Esses movimentos machistas aparecem também como posts de memes ou ‘dicas de sedução’, que muitas vezes chegam aos adolescentes e perpetuam as mesmas concepções antiquadas e errôneas de como o homem deve se comportar na sociedade.

Segundo David Magalhães, professor de relações internacionais da Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo, para os seguidores da extrema direita, a cultura moderna – por meio do teatro, cinema e livros – tem como propósito destruir a ideia de masculinidade biológica. Magalhães segue afirmando que, para esses pensadores extremistas, é a cultura progressista que suaviza o homem, na medida em que tem concedido direitos às minorias, como aos LGBTQIA+ e às mulheres, substituindo uma identidade masculina tida como natural para uma que se aproxima das características lidas como femininas.

“Existe um ódio a essa cultura, e eles atribuem essa cultura ao papel da mulher”, pontua o professor. Dessa maneira, isso

faz com que elas se tornem alvo de ataques misóginos dos grupos supremacistas.

A ‘machosfera’

O surgimento dos *Red Pills* se deu por volta de 2006, em plataformas menos populares da internet. Hoje, têm ganhado cada vez mais força através da chamada ‘machosfera’, grupos de debate que pregam a superioridade masculina e a necessidade de enxergarem a realidade que os limita.

“O que muda, na verdade, é a ferramenta pela qual o ódio se dissemina. Essa é uma ferramenta perigosa, porque ela alcança mais gente”, afirma Carla. A repulsa

à figura feminina se desenvolve desde o século XII, com maior propagação nos meios públicos e através de ambientes restritos ao gênero feminino – como cafés, locais de debate, no meio das artes e da literatura – durante o século XIX. “A ideia de que o homem é naturalmente violento, anda em bandos, e originalmente bárbaro”, comenta Magalhães, é central para a extrema direita e embasa a marginalização feminina em espaços estritos para convivência masculina.

Uma das mais famosas situações acerca do movimento da pílula vermelha foi a do ‘calvo do Campari’, como ficou conhecido Thiago Schultz, coach e influenciador que já escreveu dois livros sobre o assunto. Além de responsável por frases como “quer ser uma mulher de alto valor? Como você vai servir o seu homem?” e “homens constroem, mulheres se movem”, Schultz ameaçou, através de mensagens no Instagram, diversas mulheres que reagiram aos seus posicionamentos. Dentre elas, a comediante Lívia La Gatto: “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso é processo ou bala. Você escolhe”, ele declara por mensagem.

Em suas redes, ele ganha seguidores e adeptos ao movimento com falas machistas e misóginas, incentivando cada vez mais páginas e influenciadores a criarem conteúdos desse tipo. Uma das páginas menores, dentre tantas outras que têm surgido, compartilhou o seguinte post – colocando em dúvida, sem qualquer embasamento científico, a autossuficiência e capacidade de atuação da mulher:



Post de internet tirado da página @sejaredpill

Em entrevista ao **Contraponto**, o administrador não identificado da página @sejaredpill, que conta com pouco mais de 2 mil seguidores, diz que “mulheres empoderadas são aquelas que fazem aquilo que os homens têm de pior, como a promiscuidade, a bebedeira e o desapego”. Além disso, ele desacredita violências, estupro e abusos denunciados,

afirmando que “mulheres vêm tendo o poder de destruir a reputação dos homens com falsas acusações”.

Inversamente ao que o contexto histórico nos mostra, as mulheres, ainda exploradas, violentadas e silenciadas, são tratadas nesse movimento como vítimas: “As mulheres já conquistaram seu espaço”, garante o administrador. Contrariamente, dados de 2021 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) comprovam que elas ainda são minoria nos cargos de alto escalão, no meio político e no científico, mesmo representando a maioria da população mundial.

O ‘cabra macho’

É interessante pensar como o movimento *Red Pill* também acaba acidentalmente prejudicando seus protagonistas: os próprios homens. “As mulheres tendem a abandonar homens fracos” e “cuide de você primeiro, ou acha que as mulheres querem alguém que passe a ideia de desleixo?” são frases divulgadas que incitam a insegurança masculina.



Post de internet tirado da página @sejaredpill

Faz parte da cultura do movimento colocar força, coragem, autoridade, frieza e virilidade como pilares comportamentais a serem apresentados por homens sábios e imponentes. É assim que eles acreditam que poderão atrair as mulheres, como se o processo da conquista fosse uma espécie de caça à autoafirmação, o que leva o debate a mais um ponto: a objetificação da mulher, vista como um troféu a ser conquistado e exibido por aqueles que sabem ‘jogar o jogo’. Não percebem, no entanto, que a cobrança extrema por um molde de homem a ser seguido, baseado em conceitos machistas e homofóbicos, também prejudica a saúde mental masculina, que não abre espaço para vulnerabilidade ou ‘fraquezas sentimentais’.

Para a psicanálise, a repressão é um mecanismo psíquico. Mesmo que dado pensamento ou comportamento seja re-

primido, ainda continua a existir no inconsciente, o que pode causar inúmeros problemas ao indivíduo. Para o psiquiatra, Sigmund Freud (1856-1939), o ato de reprimir é um exercício constante, sobretudo aqui, em que se trabalha com as emoções e os sentimentos.

Assim, ser um homem – conforme os moldes de masculinidade impostos pelos ideais desses grupos – acaba sendo exaustivo e repressor, ainda mais considerando as disputas por espaços de poder através da força e postura agressiva com outros de mesmo gênero. Além disso, o sucesso masculino, que vive de acordo com esse padrão, passa a basear-se cada vez mais na autoridade, na ignorância, na aparência física e na virilidade como indicadores de conquista.

Esse comportamento é enraizado nas famílias brasileiras, nas quais os homens são criados desde pequenos para serem os chefes da casa e servidos por quem consideram inferiores: as mulheres. A pressão de ser o exemplo, ‘o maior’ ou ‘o melhor’, molda meninos sobrecarregados em âmbito emocional, profissional e afetivo, que se sentem constantemente ameaçados por outros homens.

Como é ser seu próprio alvo?

Se até aqui foram citados somente indivíduos do gênero masculino, se engana quem pensa que são eles os únicos representantes do movimento *Red Pill*. Muitas mulheres têm aderido às suas teorias e, inclusive, ajudado a disseminá-las.

Ingrid Santiago é uma das mais conhecidas nesse universo, sobretudo depois de sua afirmação de que homens não devem lavar a louça nem limpar a casa, já que isso prejudicaria a energia masculina vital deles.

Kathy Bartz também é uma delas. Com 131 mil seguidores no Instagram, Bartz afirma, por exemplo, que mulheres que postam foto de biquíni fazem isso por não terem nada melhor a oferecer – ou, pelo menos, acabam passando essa visão para as outras pessoas.

“Todas essas mulheres não têm nenhuma noção do seu lugar no mundo como oprimidas. Para elas, esse é o papel que a gente deve assumir. É nisso que elas acreditam em termos de feminilidade, vivendo conforme uma ética patriarcal e ponto. Elas aceitaram isso”, explica Carla.

Porém, para a professora, essa falta de consciência é confortável na medida em que a maioria dessas defensoras usufruem do privilégio de classe e raça, não vivenciado em seu cotidiano tudo que mulheres negras e periféricas passam, que são obrigadas, como meio de sobrevivência, a lutar contra essa realidade opressora. Por outro lado, mesmo sem perceber, as adeptas acabam por serem utilizadas como gancho e exemplo perfeito do que os homens do movimento *Red Pill* pregam, dando força à teoria de que mulheres buscam homens essencialmente masculinistas.

Mais de 500 trabalhadores são resgatados em situação análoga à escravidão em 2023

Setores escravistas variam desde o ramo da construção civil à indústria rural; episódios recentes de denúncia caracterizam o chamado “trabalho escravo contemporâneo”

© Reprodução/Ministério do Trabalho e Emprego



Resgate de 207 trabalhadores que ocorreu em Bento Gonçalves, RS, fevereiro 2023

Por Dayres Vitoria e Mayara Neudl

Cerca de 520 pessoas no Brasil foram resgatadas de trabalhos análogos à escravidão só nos três primeiros meses deste ano, segundo o levantamento do Ministério do Trabalho e Emprego. Episódios de exploração vieram à tona em São Paulo, no Rio Grande do Sul e em Goiás.

32 trabalhadores rurais foram encontrados em condições insalubres em uma fazenda, em Pirangi, no estado de São Paulo. O local fornecia cana-de-açúcar à Colombo Agroindústria, fabricante da marca Caravelas. Os trabalhadores eram submetidos a péssimas condições para exercer seus ofícios e sofriam privação alimentar, além de estarem em situação de servidão por dívida.

No Rio Grande do Sul, 207 pessoas foram resgatadas de um alojamento onde trabalhavam sob ameaças, espancamentos e choques elétricos. Elas foram admitidas por uma empresa que presta serviços e mão de obra às vinícolas da região. O grupo prestava serviços diariamente das 5h às 20h, cerca de 15 horas por dia.

Em Uruguaiana, também no Rio Grande do Sul, 56 trabalhadores, incluindo dez adolescentes, foram retirados de duas fazendas de arroz. Eles entravam em contato direto com agrotóxicos perigosos nas plantações, não recebiam ferramentas de trabalho e tampouco eram alimentados como deveriam.

O caso mais recente de resgate de funcionários foi em Goiás, onde 212 pessoas foram libertas. O grupo era contratado por uma empresa de prestação de serviços terceirizados e trabalhava em usinas

de álcool e produção de cana de açúcar. Os trabalhadores, tinham que arcar com os custos de alimentação e moradia precária, além de terem que comprar os próprios instrumentos de trabalho. Todos foram levados clandestinamente para diversas cidades do estado goiano.

Falta de punição é a principal causa

Em entrevista ao **Contraponto**, Mayra Goulart, professora de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCS), afirma que o problema persiste no país devido ao alto nível de impunidade dos contratantes responsáveis: “Se as pessoas que oferecessem esse tipo de serviço fossem punidas, de fato, investigadas, denunciadas, e a sociedade na totalidade se comprometesse em punir quem explora esse tipo de trabalho, a incidência do problema seria menor”.

Ainda, segundo a docente, a segunda causa da questão diz respeito ao costume que o Brasil tem em uma superexploração do trabalho. Logo, se trata de um problema fortemente enraizado: “Nós somos uma sociedade tolerante com a superexploração do trabalho. Isso é uma característica de países de capitalismo tardio, então a sociedade e, inclusive, as próprias vítimas já têm um histórico, já vivem em uma episteme que tolera a exploração do trabalho”.

Para combater os episódios corriqueiros caberia ao atual governo incentivar a retomada de processos de atualização

e, principalmente, da divulgação da lista destes infratores. Em 2004, a Portaria n. 540/2004 do Ministério do Trabalho criou a chamada “lista suja”, em que há o cadastro de empregadores que tenham mantido trabalhadores em condições análogas à escravidão.

Entretanto, conforme observado por Fabíola Marques, professora de Direito do Trabalho da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e sócia do escritório Abud Marques Sociedade de Advogadas, com os governos Michel Temer e Jair Bolsonaro, a aplicação da lista lidou com impasses.

Enquanto no governo Temer, a regulamentação do cadastro das empresas infratoras e a divulgação da relação dependia de determinação expressa do Ministro do Trabalho, no governo Bolsonaro, embora os dados fossem atualizados, a dificuldade residia em ter acesso aos autos de infração das empresas autuadas por submeter pessoas a trabalho análogo à escravidão.

Direitos violados

Ainda segundo a especialista em Direito do Trabalho, quando o empregador submete o empregado a trabalhos forçados, a jornadas exaustivas ou não garante condições mínimas de higiene, saúde, repouso ou alimentação, quadros assim já podem ser caracterizados como “escravidão contemporânea”.

Para Fabíola, ao mínimo, os direitos dos trabalhadores que enfrentaram tais condições devem ser garantidos e ressarcidos por lei: “Os empregados resgatados têm direito ao recebimento de três parcelas do Seguro-desemprego Especial no valor de um salário-mínimo e acesso prioritário ao Bolsa Família. Além disso, o Ministério Público do Trabalho pode negociar um Termo de Ajuste de Conduta que estabeleça uma indenização para os trabalhadores”.

De acordo com a advogada, nada impede que o servidor promova uma reclamação trabalhista pleiteando todos os direitos decorrentes da prestação de serviços que não foram observados, como o pagamento dos salários atrasados, horas extras, FGTS ou danos materiais. Para ela, o debate, que se trata de um quesito humanitário-civilizatório, em âmbito jurídico, e não deve ou pode ser esvaziado.

A união do Estado, da sociedade civil e das empresas é o início do combate a essa prática. A luta contra o trabalho escravo objetiva uma sociedade mais justa e igualitária, que valoriza o trabalho humano e respeita os direitos fundamentais dos cidadãos.

Chegada do Chat GPT incita discussões sobre o futuro do jornalismo

Capaz de criar conteúdos escritos com linguagem semelhante à humana, chatbot da OpenAI pode substituir profissionais por textos mecânicos e sem análise crítica

Por Artur Maciel, Esther Ursulino e Giovanna Oliveira

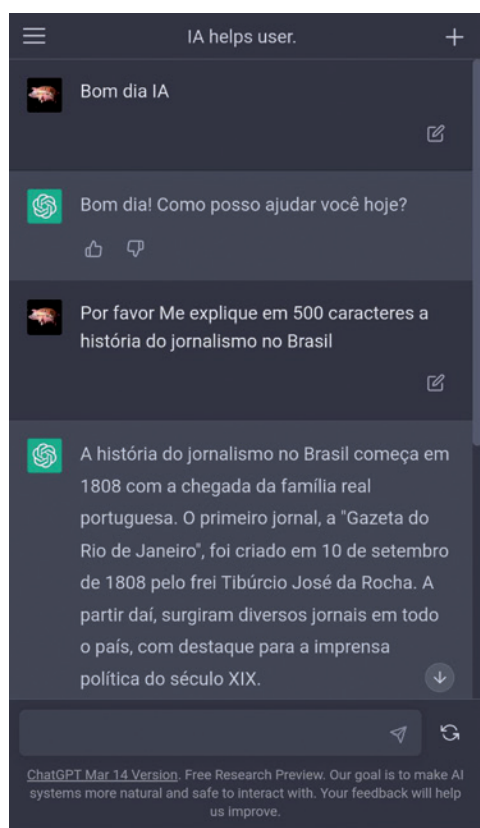
Em novembro de 2022, a empresa OpenAI apresentou ao mundo o Chat GPT (Generative Pre-Transformer, ou em tradução livre Transformador Pré-treinado Generativo), programa de Inteligência Artificial (IA) capaz de aprender conteúdos, responder perguntas sobre variados assuntos e criar, de forma rápida, textos novos com linguagem semelhante à utilizada por seres humanos. A aparição desta nova tecnologia, que vem sendo aperfeiçoada para apresentar um desempenho cada vez mais eficiente, incita discussões sobre o futuro do jornalismo e dos jornalistas. Afinal, o profissional da informação pode ser substituído?

Segundo Hugo de Paula, coordenador do curso de Ciência de Dados da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, “o jornalismo não vai se tornar obsoleto, mas como toda profissão impactada pela tecnologia, ele vai se transformar”.

Hugo cita o exemplo da *Associated Press*, agência que desde 2014 utiliza a inteligência artificial no processo de coleta, produção e distribuição de notícias; e o site *Yahoo! Sports*, que utiliza ferramentas para produzir milhões de textos por ano, baseados em resumos de jogos e estatísticas. Com isso, ele conclui que aquelas pessoas que fazem notícias baseadas apenas em fatos, sem interpretações, vão cada vez mais perder o emprego.

Silvio Mieli, jornalista e professor de Culturas Tecnológicas e Sociedade da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) faz uma crítica ao jornalismo que apenas reproduz, sem dar espaço às outras possibilidades. “Ao longo dos últimos anos o jornalismo e o jornalista automatizou muito a sua percepção; virou uma máquina de tentar descrever o real, de cópia do real. Nós robotizamos tanto a nossa profissão que alguns robôs fazem melhor do que a gente”, diz.

Mieli ainda destaca que o *chatbot* da OpenAI avança no campo da busca de dados, mas que isso nem sempre está ligado à compreensão deles. Similarmente, Fernando Osório, professor do Departamento de Sistemas de Computação da Universidade de São Paulo (USP), campus de São Carlos, disse em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*: “O Chat GPT é uma boa ferramenta para gerar textos, mas ele não sabe o significado das palavras. Ele é apenas um papagaio do que aprendeu”. Justamente por não compreender o que reproduz, a nova tecnologia está sujeita a cometer erros.



Chat GPT é solicitado e resume início da história do jornalismo no Brasil

Delírios tecnológicos do “tudo sei”

Com o avanço da tecnologia, *chatbots* estão se tornando cada vez mais comuns no atendimento ao cliente e na criação de conteúdo. No entanto, a precisão desses sistemas ainda é uma questão em aberto.

De acordo com Hugo de Paula, as ferramentas de criação de texto, como o Chat GPT da OpenAI, se baseiam na probabilidade para responder às perguntas. Isso significa que, em vez de dizer “não sei”, o sistema sempre dará uma resposta provável, que muitas vezes pode ser absurda e imprecisa. Esse fenômeno é conhecido como “alucinação” na área de tecnologia.

Embora a OpenAI tenha afirmado que o Chat GPT-4 alucina menos e tem melhor desempenho em 40% em comparação com o GPT-3, ainda há inconsistências no modelo. Por esse motivo, Hugo de Paula alerta que não podemos confiar cegamente nas informações fornecidas pelo *chatbot*.

Apesar dessas limitações, o professor acredita que a ferramenta pode ser útil para o jornalismo. Por exemplo, o Chat GPT pode ajudar na sintetização de textos, na produção de notícias baseadas em

modelos, na sugestão de pautas, na montagem de roteiros para reportagens e na checagem de fontes.

Silvio Mieli, especialista em jornalismo de dados, também vê potencial no uso do Chat GPT para melhorar as perguntas feitas pelos jornalistas. Segundo ele, a tecnologia pode ser consultada para verificar se as perguntas da pauta podem ser melhoradas com base nas respostas fornecidas pelo sistema.

Apesar de ser uma ferramenta promissora, é importante lembrar que o Chat GPT ainda é uma tecnologia em desenvolvimento e deve ser utilizada com cautela, especialmente no campo do jornalismo, onde a precisão das informações é crucial.

Função do jornalista em tempos de Inteligência Artificial

Em todos os cenários, o periodista terá a demanda de fazer uma análise crítica dos dados gerados pela ferramenta de IA, visto que por estar sujeita a responder perguntas específicas, ela não consegue extrapolar para outros campos – como identificar o impacto que uma notícia pode ter na sociedade ou fazer relações com diferentes áreas de conhecimento. Além disso, por ser treinado com milhares de textos, o Chat GPT pode acabar reproduzindo preconceitos e vieses da sociedade, que também devem ser analisados por uma visão humana e sensível.

Hugo de Paula afirma que, conforme a inteligência artificial for invadindo nosso mundo, surgirão muitos textos com problemas éticos que podem trazer prejuízos à sociedade – como o uso de termos ofensivos, vazamento de dados e disseminação de desinformações.

Nesse sentido, o coordenador destaca que a compreensão da IA é importante para o jornalista fazer reportagens que fiscalizem o desempenho da ferramenta, responsabilizando seus desenvolvedores por eventuais erros.

Em concordância, Silvio Mieli fala sobre a necessidade de uma formação básica para tecnologia, para ser possível criticar e analisar aquilo que, afinal, é fruto do trabalho intelectual humano. “O Chat GPT tem que ser desmistificado. Não precisamos virar programadores, mas precisamos conhecer essa lógica que está sendo colocada dentro das máquinas”, conclui.

Do restaurante até às casas: o trajeto dos motoboys

A luta constante pelos direitos dos entregadores de aplicativo

Por Christian Policeno, Maria Eduarda Camargo e Nanda

Pedido confirmado

Em julho de 2020, diante da pandemia, os motoboys ou motokas, como também são chamados, se dirigiram até as ruas em paralisações localizadas em várias cidades por todo o país para reivindicar melhores condições de trabalho e remuneração.

Entre os pontos abordados durante as greves, o crescimento do número de óbitos se destaca: dos 38 mil acidentes de trânsito que ocorreram durante essa época, 28 mil foram com motociclistas, segundo dados do jornal “A voz do motoboy”. Os motofretistas exigem, junto às associações, pelos direitos de classe e melhorias também na segurança da profissão.

Pela falta de representatividade dos motofretistas, aliado à necessidade de combater certas políticas dos apps, criou-se a Amabr (Associação dos Motofretistas de Aplicativos e Autônomos do Brasil). O diretor presidente da associação, Edgar Francisco da Silva - mais conhecido como Gringo - persiste em uma relação mais respeitosa tanto na sociedade como um todo, quanto nos aplicativos.

Pedido em andamento

Em entrevista ao **Contraponto**, Alisson Jordan, entregador do iFood desde 2021, relata a sua experiência na profissão e algumas questões sobre o cotidiano. Ele aborda alguns aspectos como: segurança, relacionamento com os clientes e melhorias.

Alisson comenta sobre como o app lida com a segurança e a integridade física do trabalhador: “Eles têm o seguro acidente, para que se eu me acidentar trabalhando, o iFood cubra meus custos [...] e eles dão alguns kits de segurança, como o uso de capacete, no máximo”.

Sobre a relação entregador e cliente, Alisson afirma que nunca passou pessoalmente por alguma situação desagradável com os usuários de delivery. “Mas o que acontece com frequência é que alguns clientes demoram muito para descer (no caso de edifícios onde é necessário a ida à portaria) e pegar o pedido. Às vezes, é até necessário deixar com o porteiro - quando é permitido.” Sobre a questão de ter que subir para entregar o pedido até o apartamento do cliente, o entregador diz que isso ainda não ocorreu com ele.

Em entrevista ao iFood News, Diego Barreto, o vice-presidente de estratégias e finanças da companhia, explica que a obrigação do entregador é de deixar o pedido

no primeiro ponto de contato que existe na residência da pessoa. “Se for no condomínio, esse ponto é a portaria. Essa é a recomendação dada para os entregadores e a comunicação passada aos consumidores.”

“Muitos clientes, quando descobrem que a gente utiliza o serviço por WhatsApp, acabam preferindo pedir por lá. Isso porque as taxas do app são muito altas, o que obriga o restaurante a aumentar o preço”, diz, em entrevista ao **Contraponto**, Júlia Braga, que utiliza o aplicativo na outra ponta: a do restaurante.

Ela também comenta que, embora o iFood traga mais visibilidade e consequentemente mais clientes, as taxas os prejudicam muito, pois são 30% do valor da venda. “As entregas também são obrigatoriamente feitas pelos entregadores do aplicativo - o que impede que a gente possa dar benefícios que outros funcionários do restaurante têm, como um salário fixo, taxa de entregas, horário de descanso e refeição.”

Alisson ressalta que seria muito benéfico melhorias do iFood em questões como: a quilometragem das entregas, o baixo preço da taxa aos motokas e o suporte do aplicativo com o funcionário. Ele lamenta sobre, algumas vezes, ficar um bom tempo parado no dia (sem entregas), pois o app demora muito para dar uma resposta, e isto o prejudica.

Pedido a caminho

Gringo destaca a importância do poder público para os motoboys alcançarem os mesmos benefícios de outras profissões: “Outras [categorias] têm isenção de ICMS e de IPVA, a gente não tem nada”. Ele também alega que ser entregador de aplicativos é uma das profissões mais arriscadas - vide o aumento em 32% do número de acidentes fatais envolvendo motociclistas no ano de 2022, segundo a CPTrans.

Esse risco é associado com a desvalorização do serviço dos motofretistas - um dos maiores obstáculos, de acordo com o Edgar. Gringo alega que o valor do ofício dificulta a dignidade dos trabalhadores.

Já Alisson, menciona que “a flexibilidade do horário permite com que outras

atividades sejam realizadas durante a semana” - porém, impõe um expediente mínimo diário para que se obtenha um determinado valor, suficiente para custear seus gastos.

“Cada vez mais, a gente vê as pessoas se alimentando mal, por não ter dinheiro e com veículos precarizados, pois não conseguem fazer a manutenção. Trabalham em uma carga horária excessiva, porque precisam fazer ganhos no que produzem”, explica Gringo sobre as causas da vulnerabilidade dos motokas, até levando a acidentes de trânsito.

Pedido entregue

Pela grande pulverização, o movimento dos motofretistas perde força ao pressionar os aplicativos. Por isso, a liderança dos motofretistas optou por uma rota legislativa. Mesmo com a falta de reconhecimento do governo, o diretor presidente da Amabr mostrou os seus argumentos aos parlamentares.

Em setembro de 2022, houve uma audiência pública em Brasília a fim de aprovar uma previdência para os entregadores - retirando vários direitos da profissão. Sem convite, Gringo conseguiu o seu espaço à força. Também expôs como o projeto foi feito sigilosamente: “Se eu não tivesse ido, [a previdência] teria andado”.

Há propostas em movimento para regularizar apps (como o iFood) - como a pauta do Ministério do Trabalho, que cobre a taxa dos deliveries. Mesmo com esse governo aderindo às lutas trabalhistas, Gringo anseia por mais atitudes: “Não queremos saber do histórico, queremos vivenciar isso. [...] Não estamos esperando nada deles [governo], nós estamos indo buscar”.



Paralisação nacional dos entregadores em 2020

Além da pena

A precariedade do sistema prisional com a ressocialização dos ex-detentos

Por Isabelle Maieru, Khadijah Calil, Laís Romagnoli e Yasmin Solon

Superlotação, insalubridade, legislação débil e insuficiência judiciária. Essas são algumas das circunstâncias em que vive a terceira maior população carcerária do mundo. Hoje, o Brasil totaliza 919.951 presos, o maior número já registrado no país. Em sua maioria negros de classe baixa com o nível de escolaridade mínima, evidenciam o reflexo de uma sociedade hierarquicamente desigual.

O descaso com os penitenciários não gera tanta revolta na população quanto deveria, principalmente nas parcelas ricas da sociedade. Isso ocorre pois há uma falsa ilusão de que tamanha precariedade sirva de punição para os crimes cometidos.

A Lei de Execução Penal Nº 7.210/84 prevê, como dever do Estado, proporcionar condições de reintegração social ao condenado. A capacitação profissional, por exemplo, para além da remissão da pena, é importante para minimizar a ociosidade dos detentos. Outra ação é o *Programa de Ressocialização do Preso* com as empresas e órgãos públicos, que visa integrar os privados de liberdade ao trabalho externo. No entanto, embora assegurados em lei, o governo não os coloca em prática.

Em entrevista ao **Contraponto**, a estudante de direito e egressa do sistema prisional, Marcia Bernardes, lembra de experiências próprias: “Programas de ressocialização não saem da teoria, não há absolutamente nenhuma iniciativa na prática. O sistema não faz nada para que os detentos tenham uma opinião diferente sobre os crimes que cometeram. E pior, lá dentro nós temos muitas opções de negócios para quando sair”.

Ela ainda conta sobre a discriminação que sofreu no âmbito universitário e que seus antecedentes criminais foram mencionados no processo de guarda de seu enteado. Após passar por experiências traumáticas, Marcia lançou um *podcast* de entrevistas com outras egressas e seu objetivo, após se formar, é oferecer reabilitação gratuita a ex-detentos e firmar parcerias com empresas que ofereçam vagas de emprego a essas pessoas. Segundo o Ministério da Justiça, em 2019, menos de 20% dos reclusos tinham alguma ocupação e menos de 13% estudavam.

Marcelo Freixo, 55, deputado federal no Rio de Janeiro, conhecido por ter coordenado projetos educativos no sistema penitenciário, disse à *Conjur* em 2017: “Não ter política pública é a política pública do sistema prisional. Além disso, o Estado

não cumpre a legislação. O objetivo da cadeia é não ter rebelião e fuga, não que os presos trabalhem, tenham um curso profissionalizante ou concluam seus estudos. O preso é classificado por sua facção, logo, a mensagem é que, para sobreviver, ele deve pertencer a alguma. E eu garanto que a maioria não tem vínculo organizado com o crime lá fora. Passa a ter dentro. O objetivo é excluir”.

Buscando transformar esse cenário, institutos e ONGs tomam iniciativas que busquem reduzir esse impacto e ajudar os egressos a se inserirem na sociedade outra vez. No entanto, é preciso ter cautela, como explica a assistente social Dóris Veronez ao **Contraponto**: “Gostaria de deixar claro que não existe ressocialização de um público que nunca foi socializado. As pessoas que já passaram pelo sistema carcerário nunca pertenceram a um meio social que viabiliza condições para garantir direitos em todo âmbito de vida. Nós, enquanto organização, assumimos uma responsabilidade social com os apenados a fim de retratar e amenizar os danos causados durante esse processo”.

Dóris atua no Instituto Resposta, em São Paulo. O principal objetivo do Resposta é dar o suporte necessário para as pessoas que tiveram uma carência em algum momento, sobretudo os que já foram privados de liberdade. O Instituto conta com cursos profissionalizantes e parcerias com diversas empresas, que garantem a empregabilidade de seu público. Atualmente, essas organizações cumprem um papel que deveria ser do Estado: “Não consigo enxergar de forma eficaz uma união entre Estado e Organizações, devido ao fato do Estado possuir uma lógica excludente e de manutenção do capital que é totalmente contrária à nossa missão”, ela afirma.

“Ao invés do sistema oferecer recursos para aquele sujeito sair apto a conquistar sua autonomia, vemos a precariedade dos



Oficina de cabeleireiro realizada no Instituto Resposta

estabelecimentos, superlotação, falta de condições adequadas para saúde básica, alimentação e higiene. Dado essas condições, não vejo a mínima possibilidade de o apenado voltar para a sociedade sem reincidir”, completa Dóris.

A assistente social reconhece que, além do sistema estatal que não assegura aos egressos seus direitos, a discriminação é também evidente. “Devido ao sensacionalismo da mídia e a visão sem análise crítica da sociedade, a inserção das pessoas privadas de liberdade em nosso meio social, torna-se cada vez mais difícil”, afirma. Questionada sobre qual o método que considera mais eficaz quanto a redução do preconceito estrutural, ela pontua: “Acredito que possamos fomentar a discussão sobre a lógica punitivista, o encarceramento em massa e disseminar informações verdadeiras em relação a todo esse sistema. É necessário cada vez mais falarmos sobre o assunto dentro das instituições de ensino, a fim de quebrar o ciclo do silêncio e aprimorar nosso senso crítico.”

Além do preconceito sofrido nas ruas e na sociedade, muitas vezes os apenados também têm de lidar com a falta de apoio familiar, que tenta ser suprido também nos institutos de apoio: “Nosso público é fragilizado, não somente pela privação de liberdade, mas por todo seu histórico de vida. É de extrema importância o acolhimento pós-cárcere para dar o suporte que precisam para mudar sua realidade”, acrescenta Dóris.

“Através da escuta qualificada e o estabelecimento de vínculo com o egresso, é possível traçar estratégias junto ao nosso acolhido para sua inserção na sociedade, levando em consideração cada particularidade e necessidade. Para nós, nada é imposto e tudo é construído de forma conjunta, para que o sujeito seja protagonista da sua própria história”, conclui Dóris.

Marcia Bernardes apresentando seu podcast “Pod da Bernardes”



Escalada militar na República Democrática do Congo traz tensão e violência para a região

Congolese questionam o envolvimento de tropas estrangeiras, temendo o retorno do caos vivido durante a Primeira Guerra do Congo (1996-2003)

Por Francisco Barreto dalla Vecchia, Guilherme Nazareth, Renan Barcellos e Rodrigo Lozano Ferreira

Mais um anúncio de cessar-fogo foi desrespeitado em março deste ano na República Democrática do Congo (RDC). O comunicado foi feito pelo presidente da Angola, um dos países mediadores do conflito, e deveria entrar em vigor no dia 07. Os combates entre o exército congolês e os grupos armados, especialmente o M23, continuam na região leste do país.

O 'Movimento 23 de Março' é formado pela etnia tutsis, composto por vítimas do genocídio de Ruanda em 1994, e que dizem agir em defesa dessa população que se refugiou em outros países após as matanças. O grupo ficou inativo por uma década, mas na metade de 2022 iniciou uma ofensiva na província do Kivu do Norte, no leste da RDC.

Há anos os tutsis da região são vítimas de ataques esporádicos de milícias extremistas Hutus – etnia perpetuadora do genocídio –, também presente nas fronteiras congolese. Ligações extra oficiais entre o M23 e Ruanda alertam para uma possível ambição imperialista do líder do país, Paul Kagame, sobre as riquezas minerais do Congo.

O retorno do M23

Em 9 de julho de 2022, o exército da RDC denunciou a presença de 500 soldados ruandeses no Kivu do Norte, região que faz fronteira com Ruanda. Depois de 4 dias, o M23 ocupou a cidade de Bunagana, forçando 30 mil civis a fugir. No fim de outubro, os rebeldes capturaram Kiwanja e Rutshuru, localizadas a 70 km ao norte de Goma, capital do Kivu do Norte com cerca de 1 milhão de habitantes. A queda desses pontos dificultou a comunicação entre Goma e Kinshasa, capital do país.

No dia 23 de novembro, em Luanda, capital da Angola, ocorreu uma reunião da Comunidade da África Oriental (EAC). As lideranças presentes ameaçaram intervir no conflito: "se o M23 não se retirar, os chefes de Estado da EAC poderão autorizar o uso da força."

Os congolese questionam o envolvimento de tropas estrangeiras, temendo o retorno do caos vivido durante a Primeira Guerra do Congo (1996-2003), que deixou 5 milhões de mortos e contou com a interferência dos países vizinhos. A guerra também envolveu milícias, algumas financiadas por multinacionais interessadas no ouro, diamante e coltan, muito abundantes na região.

No começo do ano, o M23 conquistou Nyamilima e Buramba, no Kivu do Norte,

deixando 130 mortos com uma "violência indescritível", de acordo com a ONU. Desde os ataques no final de novembro, 26 mil pessoas foram deslocadas.

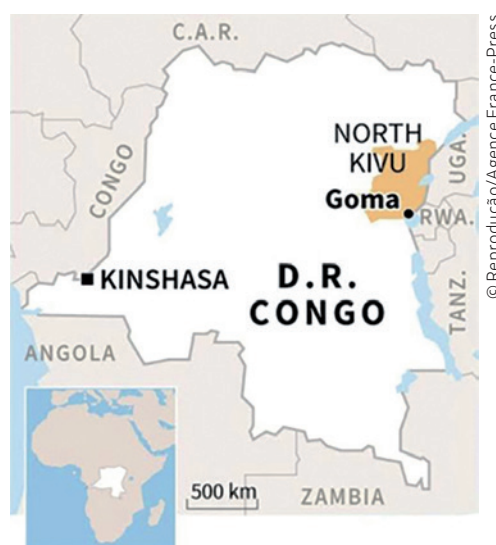
O cessar-fogo?

Na mini-cúpula da EAC sobre a crise na República Democrática do Congo, foi recomendado um cessar-fogo imediato e obrigatório para as milícias do leste do país. Sultani Makenga, líder do M23, aceitou os termos que iriam começar a partir das 12h do dia 7 de março.

Um dia antes, entretanto, os guerrilheiros realizaram outra ofensiva e quase alcançaram Goma, capital da província. O tenente-coronel Guillaume Ndjike, porta-voz do exército em Kivu do Norte, disse à Agence France-Presse (AFP) que os ataques também foram direcionados a um acampamento de deslocados em Mubambiro, causando "enormes danos."

O M23 alcançou Goma, e tentou sitiar seu centro e o avanço continuou a leste e norte. Apesar dos ataques, o porta-voz do M23, Willy Ngoma, se comprometeu a respeitar o cessar-fogo efetivo no dia 7 de março. Tropas do Burundi, país vizinho, no dia 6, ocuparam oito cidades deixadas pelo M23, conforme decisão da EAC.

Ambos os lados desrespeitaram o cessar-fogo. Uma delegação do Conselho de Segurança da ONU chegou no dia 9 de março à Kinshasa, e depois seguiram para Goma. O avanço rebelde continuou e no dia 11 o presidente angolano, João Lourenço, anunciou a mobilização de tropas para a região. Segundo a Organização das Nações Unidas, 300 mil pessoas já foram deslocadas de suas casas desde fevereiro.



Mapa Kinshasa e Goma

M23 e Ruanda

"Todos nós estamos chorando graças ao M23", explica Esperance Batende, em entrevista à VICE. Ela é uma recém-recrutada do exército congolês que perdeu pai e marido no conflito e, por isso, decidiu lutar. "Acredito que eles são heróis, pois morreram defendendo o país, assim como eu mesma posso vir a morrer". Quando questionada sobre quem são os responsáveis pela guerra, a resposta vem rápida: "Nossos vizinhos, Ruanda. Os soldados do M23 não são congolese, estamos sendo atacados pelas nossas riquezas naturais (...) Querem nos colonizar pela segunda vez."

Em 2014, um relatório vazado da ONU mostrou líderes do M23 que, mesmo sob sanções, transitavam livremente em Uganda e recrutavam soldados em Ruanda. Em julho de 2022, outro relatório da organização continha "provas substanciais" do treinamento do grupo armado por forças ruandesas. O documento aponta outros objetivos nesta intervenção estrangeira: combater as Forças Democráticas para a Libertação do Ruanda (FDLR), rebeldes extremistas Hutus que, após o fim do genocídio, fugiram para as florestas do Congo e se estabeleceram por lá.

Nascimento do M23

O Movimento 23 de março (M23) surgiu em 2012 na RDC, da dissidência de outro grupo: o Congresso Nacional para a Defesa do Povo, opositores que entre 2006 e 2009 lutaram contra o governo de Kinshasa. No mesmo ano, o grupo ocupou Goma, o que levou a uma iniciativa de países vizinhos para promover um acordo de paz, movida pelas frescas memórias da matança em Ruanda. Em 2013, o documento foi assinado e a rebelião acabou.

Até 2021 não houve grandes recrutamentos e é difícil estimar o tamanho do grupo. A destreza do M23 de controlar vastos territórios, com um efetivo militar limitado, levou países como os Estados Unidos a crer que o grupo recebe apoio militar de Uganda, mas principalmente de Ruanda. Mathias Gillmann, porta-voz da missão de estabilização da ONU na RDC, observou que o grupo está mais equipado e, cada vez mais, opera como um exército convencional, com equipamentos mais sofisticados.

"O Leste está sendo atormentado pela violência em razão da presença de muitos grupos armados e pela indiferença quase total da comunidade internacional", disse Félix Tshisekedi, presidente da RDC, em dezembro de 2022. Rukira, chefe da Civil Society Life Force, reforçando a fala do presidente, afirmou: "A ONU está aqui há 20 anos, mas não houve nenhuma mudança."

A casa em ordem: o Brasil sob nova direção

Como o governo Lula coloca o país de volta aos trilhos da normalidade no cenário internacional

Por Beatriz Brascioli, Carolina Rouchou, Laura Lima e Marina Jonas

Com a recente eleição da ex-presidente Dilma Rousseff para chefiar o Banco dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e o retorno de Lula ao poder, acontecem os primeiros passos do reposicionamento do Brasil no cenário internacional. Como os últimos quatro anos do mandato de Jair Bolsonaro foram marcados pelo isolamento, o novo presidente enfrentará desafios para restabelecer a imagem do país para o mundo.

Mesmo com algumas conquistas, o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer se quiser voltar a ser a potência diplomática dos anos 2000. O presidente Lula já demonstra que esse é exatamente seu plano: reconquistar o respeito internacional. “A ministra Dilma tem formações em áreas econômicas e tem experiência como ministra e como presidente. Inclusive, essa é a razão pela qual ela foi indicada ao cargo”, afirma o comentarista político, Leonardo Sakamoto, em entrevista para o UOL.

A política externa brasileira passou por diversas transformações ao longo dos anos. No entanto, as mudanças promovidas por Jair Bolsonaro são consideradas uma ruptura com as tradições diplomáticas da nação. Dentre as principais críticas, estão a falta de diálogo com as pátrias vizinhas, a aproximação com líderes autoritários e a retirada do Brasil de importantes acordos internacionais. O ex-presidente também alterou suas relações com potências como China, ao alfinetar o seu governo, com os Estados Unidos, ao demonstrar

Eleitores em frente ao congresso nacional – Posse presidencial 2023



© Laura Lima

alinhamento pessoal com Trump, e, até mesmo com a França, ao ofender diretamente a esposa de Macron.

Diante desse cenário, o doutor em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (PU-C-SP, UNESP, UNICAMP), Matheus de Oliveira Pereira, afirma ter como expectativas para os próximos passos do Brasil: a recuperação de laços com África, Oriente Médio e, principalmente, América Latina. “A gente fala China e Estados Unidos, mas tem mais de 191 países no mundo, então tem que diversificar. Você não pode ignorar o peso dos dois, mas também não pode ficar amarrado nisso”.

No primeiro governo Lula, foram criados programas sociais como o “Fome Zero” e o “Bolsa Família”, os quais ganharam destaque internacional e ajudaram a enfrentar problemas históricos do Brasil. Nessa época, o país vivia um bom momento econômico e era reconhecido como um líder em potencial. Os investimentos em diplomacia auxiliaram na consolidação de políticas para o Mercosul, por exemplo. A capa da revista “The Economist”, com o Cristo Redentor “decolando”, ilustra esse período positivo da nação.

Segundo Pereira, o comportamento “negligente, omissivo e criminoso” de Bolsonaro, especialmente durante a pandemia do coronavírus, contribuiu para um grande número de mortes no Brasil e gerou críticas severas à sua gestão. Seu governo também negligenciou políticas ambientais e de direitos humanos, levando a uma imagem negativa do país no cenário internacional. O aumento do desmatamento na Amazônia e a falta de ação diante dos incêndios florestais são alguns dos motivos para essa percepção negativa.

Em seu novo mandato, o presidente Lula muda a posição brasileira no xadrez geopolítico. Primeiramente, recupera uma postura de sobriedade do Brasil em relação

à disputa entre Estados Unidos e China, visando estabelecer uma ótima relação com ambas as potências. Para isso, em fevereiro, foi a Washington para seu primeiro encontro com Joe Biden, atual presidente estadunidense, com quem tem afinidade em áreas como democracia e meio ambiente (incluindo a questão da Amazônia).

O resultado do encontro foi um cheque inicial de 50 milhões de dólares para o Fundo Amazônia. O investimento faz parte de uma meta lançada por Lula no início deste ano: o desmatamento zero da floresta até 2030. O projeto também levou à retomada dos investimentos da Alemanha e Noruega, a última sendo a maior investidora do fundo.

Para reforçar o diálogo multilateral, Lula marcou presença em Pequim no final de março com a intenção de realizar acordos comerciais bilaterais relativos ao agronegócio e ao desenvolvimento no campo da infraestrutura. Manter os laços com os dois lados do mundo vem gerando incômodos, especialmente aos Estados Unidos, que sabem da importância que a China vem ganhando.

Entretanto, a política externa deste governo está focada em manter sua diplomacia plural enquanto o cenário mundial permitir. A China continua sendo o maior parceiro comercial brasileiro e aprofundar os vínculos com essa nação é fundamental para o avanço da economia nacional.

“No momento, há muita boa vontade em relação ao Brasil”, afirma Matheus, ou seja, as expectativas internacionais são positivas para a governança de Lula. O motivo de tanta comemoração, de acordo com o especialista, é o sentimento de retorno à normalidade. “O governo se aproxima dos 100 dias, boa parte do esforço inicial que temos visto é colocar a casa em ordem – estamos sob nova direção, restabelecendo a gerência das coisas e tentando recolocar o Brasil de volta aos trilhos da normalidade para daí em diante estabelecer uma agenda mais ambiciosa.”



© Laura Lima

Mauro Vieira, ministro das relações exteriores recebe Lula e Janja para o coquetel da posse presidencial de 2023, no Itamaraty

Ensaio fotográfico *Posse do Presidente Lula*

Por Laura Lima

Cerimônia de posse do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, no Itamaraty, em janeiro de 2023, no qual inicia o seu terceiro mandato. Nas imagens, vemos Lula acompanhado de sua esposa, Rosângela Lula da Silva (Janja); a presença de Marcelo Rebelo de Sousa, presidente de Portugal, Frank Walter Steinmeier, presidente da Alemanha, Alberto Fernández, presidente da Argentina – ao lado de um organizador do evento – e José Maria Neves, presidente do Cabo Verde, bem como convidados e a imprensa, momentos antes do evento.

Ao lado de fora, apoiadores acompanham o acontecimento.



Vista do Itamaraty na posse presidencial



Eleitores de Lula comemorando a posse



Eleitores de Lula em frente ao Itamaraty



Guarda Presidencial





Sonia Guajajara, Ministra dos Povos Indígenas, e Célia Xakriabá, Deputada federal (PSOL) na escada do Itamaraty

Imprensa, à esquerda, e convidados, ao fundo, esperando a chegada de Lula



Presidente da Alemanha, Frank Walter Steinmeier



Presidente do Cabo Verde, José Maria Neves, recepcionado por um dos organizadores do evento



Presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa



O Presidente da Argentina, Alberto Fernández, à direita, recepcionado por um organizador do evento

“Eles só querem ser vistos e não serem deixados de lado”, afirma idealizador do Projeto Orsi

Desplanejamento das cidades influencia na lógica financeira e na dignidade humana

Por Giuliana Barrios Zanin, Julia da Justa Berkovitz e Lívia Machado Vilela

Chegar ao trabalho e apenas sair de lá para almoçar antes do final do expediente e, no meio do caminho, há pessoas deitadas nas sarjetas, ou pedindo dinheiro, todos os dias. A rotina do paulistano é tão desgastante e intensa que cenas como essas são banalizadas aos seus olhos. O tempo não permite. É preciso trabalhar para não ser sujeito da mesma situação, para não acabar na rua.

Apesar do pensamento consumista, que enxerga o ofício acima de qualquer valor social, mais de 700 mil pessoas vivem na linha da pobreza, sem perspectivas de idealizar um futuro melhor. O Movimento Estadual da População em Situação de Rua de São Paulo estimou, em 2021, que mais de 66 mil pessoas estão em situação de rua, mas o número cresce a cada segundo. Desde 2015, esse número vem sendo duplicado anualmente.

Será que São Paulo é tão grande que banalizou a responsabilidade pela vida? Para o publicitário Alexandre Orsi Filho, idealizador do Projeto Orsi em 2011, “o caminho [para alterar a desigualdade social] são as pessoas, as atitudes delas. O ser humano precisa do ser humano. As pessoas, independente de suas classes sociais, precisam ter uma visão geral da situação”, relata o voluntário, que começou a auxiliar comunidades em épocas natalinas.

Hoje, o Brasil tem a marca de 14 mil pontos de alto risco de desastre, entre eles 4 milhões de pessoas morando nesses locais, números apresentados pelo ministro

do Desenvolvimento, Waldez Góes, para a Agência Brasil. “A ONG Projeto Orsi tem proximidade e visita com frequência algumas comunidades. O que a gente consegue observar é que não existe planejamento. As pessoas que são despejadas de algum lugar ou não tem onde ficar, buscam espaços nas comunidades, às vezes espaços onde nem mesmo tem, mas sobem seus barracos ou pequenas construções para ter um simples ‘teto’”, completa o fundador da ação. Segundo o geógrafo Milton Santos, a disposição territorial depende do poder financeiro, assim, a construção das periferias é carente em segurança e acesso a espaços públicos como shoppings, escolas e hospitais.

“Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de estar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”, diz a escritora Maria Carolina De Jesus, criada na favela de Canindé e autora do livro *Quarto de Despejo* (1960); relato escancarado sobre a disponibilidade territorial que se constrói em cima de dores e desigualdades.

Origem improvisada: sinônimo para negligência

As inundações, deslizamentos, destruição de moradias e estruturas urbanas que interditaram a vida de mais de 3,5 mil pessoas por causa das fortes chuvas no litoral norte de São Paulo no fim de fevereiro não têm nada de surpresa para a natureza. Poucos imaginam que o processo orgânico das cheias dos rios é essencial não só no contexto ambiental, mas para a história da metrópole.

A Vila de São Paulo se originou fundamentalmente do Rio Tamanduateí, que na língua tupi significa “rio de muitas voltas”. O interesse dos jesuítas pelo território no século XVI nasceu por conta de sua localização certa para a construção de centros de catequização indígena. A ocupação ocorreu lentamente por 200 anos, até o salto econômico da sede urbana, resultado da produção cafeeira no interior paulista. Os investimentos atraídos pelo produto possibilitaram a construção da única ferrovia que fazia ligação com o mar: a Estação São Paulo. A linha utilizava a posição estratégica para do curso do rio, tornando a cidade cada vez mais aparente.

Mas foi o interesse econômico que fez com que os caminhos fluviais passassem a ser um obstáculo para a dinâmica urbana. Quanto maior o crescimento populacional, maior é a produção de esgoto despejado nas várzeas dos rios que cruzavam a cidade. Esse cenário ainda causa um gravíssimo problema sanitário. A solução dessa adversidade foi alinhada à ideologia mercantilista da época: soterrar as áreas críticas, loteá-las e vendê-las. Num sonho elitista de tornar São Paulo uma cópia das capitais europeias, seus rios fundadores foram transformados, suas curvas foram retificadas e seus leitos afundados, assim, os dejetos seriam levados mais rápido para longe da paisagem atraente do núcleo comercial. E esse perfil se prolongou a cada expansão econômica que era barrada pelas correntezas que iniciaram tudo.

As consequências desse processo estão vivas no cotidiano dos paulistanos do século XXI: a modificação do curso natural dos rios, em conjunto do desmatamento da mata ciliar, são responsáveis pelas enchentes tão recorrentes na capital paulista. A impermeabilização do solo (diminuição da infiltração aquífera da chuva), combinado à expansão da malha urbana e o acúmulo de lixo nas ruas intensificam objetivamente os impactos, não só na região, mas nas periferias também. A persistência em um quadro estrutural inviável e negligenciado por reformas drásticas de reparação reproduzirá sempre o mesmo sofrimento às populações: seja no centro ou na costa, a falta de um eco-assistencialismo continuará a cobrir nascentes com cimento.

Morar na rua não é escolha

São 22h de uma sexta-feira prestes a entrar no túnel do Anhangabaú e, apesar de percorrer todo dia esse trajeto, há sempre a mesma paisagem: muros pichados, prédios abandonados, cortiços acesos e pessoas nas ruas com cartazes de papelão escritos “Tenho fome. Me ajude”.

A linguagem cotidiana reflete a passividade civil diante de um problema que infringe a dignidade e os direitos alheios. Há uma normalização da desigualdade, do desemprego, da pobreza e do despejo de pessoas na rua que o espaço público passa a ser inserido como uma possível morada. Banalizar essa visão que deveria ser inconcebível, como aponta o poeta Tarso de Melo, em sua reflexão a respeito da imagem da cidade de São Paulo. A própria história prova que as respostas para os problemas são soterradas e cultivadas para serem capital em um mesmo fluxo. Será que espaços diferentes possuem problemas tão distintos?



© Marcel Naves (AFP)

Vista aérea do município de Franco da Rocha, inundado pelas chuvas

Instituto Butantan: uma história de 122 anos na vanguarda da saúde pública

O centro de pesquisa, referência em combate às doenças, estuda a possibilidade de vacina única contra a Covid-19

Por Isabela Koch, Maria Fernanda Muller e Raíssa Paulino

No dia 23 de fevereiro, o Instituto Butantan celebrou 122 anos, com histórico marcado por importantes conquistas na área de saúde pública. Desde seus primórdios, a instituição se uniu a figuras renomadas como Oswaldo Cruz, Emílio Ribas e Adolfo Lutz para combater epidemias e doenças. Com o passar dos anos, o Instituto se consolidou como referência internacional em produção de soros e vacinas, e agora se destaca na busca por soluções para combater a Covid-19.

O centro de pesquisa anunciou em março que equipe de cientistas do Butantan trabalha em uma nova pesquisa para desenvolver uma vacina única contra a Covid-19, que poderia ser mais eficaz e acessível do que as atuais opções disponíveis no mercado.

A trajetória até se tornar referência

Em 1899, no auge da epidemia de peste bubônica no país, o médico e sanitarista Vital Brazil foi convidado pela administração pública estadual para dirigir um recém-criado laboratório de produção de soro para combater a doença. Instalado na Fazenda Butantan, na zona oeste de São Paulo, em 1901 o laboratório foi batizado de Instituto Serumtherápico, que é atualmente conhecido como Instituto Butantan.

Por crescer no interior mineiro, distante dos centros urbanos, desde cedo Vital Brazil se interessava pelo tratamento de acidentes com animais peçonhentos, um problema que causava inúmeras mortes, mas que recebia pouca atenção das autoridades de saúde. As pesquisas assinadas por ele são pioneiras na produção dos soros específicos contra venenos de animais peçonhentos.

Com isso, a partir de 1902, o Instituto Butantan já fornecia soros para o tratamento de acidentes de animais virulentos aos órgãos do Serviço Sanitário Paulista, bem como aos proprietários agrícolas e clínicos da capital, de cidades do interior e de outras regiões do país. Os primeiros soros a serem produzidos, conhecidos como anticrotático e antibotrópico, tinham a intenção de tratar acidentes com cobras, sendo eles específicos para picadas de cascavéis e jararacas, respectivamente.

Arquivos museológicos da saúde pública

A instituição tem atualmente cinco museus, sendo eles: o Museu Biológico, Museu Histórico, Museu de Microbiologia, e o recentemente inaugurado Museu da Vacina. "Os museus do Instituto Butantan fazem parte de sua área cultural e têm um papel importante em divulgar a ciência de

uma maneira lúdica e acessível para o público visitante", comenta Olga Sofia Fabergé Alves, pesquisadora da história institucional do Centro de Memória do Instituto.

O Museu de Saúde Pública Emílio Ribas é o único não inserido no complexo Parque da Ciência, tendo sido incorporado ao quadro de museus do Instituto em 2010, contendo o maior e mais importante acervo da história da saúde pública paulista.

Influência do Instituto durante a pandemia da Covid-19

Atualmente, o centro de pesquisa é responsável por 93% das vacinas e soros distribuídos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), além de fabricar a maioria dos soros hiperimunes utilizados no Brasil contra venenos de animais peçonhentos, toxinas bacterianas e o vírus da raiva, totalizando 486.106 doses anuais.

No dia 10 de dezembro de 2020, o site da Câmara Municipal de São Paulo fez sua primeira publicação relacionando o Instituto ao vírus da Covid-19, na qual dizia "Em coletiva nesta quinta-feira (10/12), o Governo do Estado anunciou o início da produção da vacina contra o novo coronavírus desenvolvida pelo Instituto Butantan".

O soro anti-Covid, aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para testagem em humanos a partir de maio de 2021, foi uma alternativa adversa às vacinas, investigada por especialistas do local. O soro não tem o objetivo de imunizar contra a Covid-19, mas sim tratar e reduzir os sintomas daqueles que estão com a doença, diminuindo assim a chance do desenvolvimento de quadros mais severos ou morte.

"Parte dos pesquisadores do Instituto vinham trabalhando desde pelo menos 2016 nos estudos de uma possível pandemia da SARs - síndrome respiratória aguda grave, doença respiratória contagiosa e às vezes fatal, causada por um coronavírus - e na maneira como poderia ser enfrentada", conta Olga.

O soro é produzido a partir do seguinte processo: o vírus SARS-CoV-2 inativado em laboratório é injetado em cavalos. Após determinado tempo, é recolhida uma quantidade do plasma desses animais. Em seguida, é feito o tratamento dos

© Alf Ribeiro/Shutterstock.com



Fachada do Instituto Butantan em São Paulo

elementos do soro, ele pode ser aplicado em humanos para combater a Covid-19.

O Instituto Butantan afirmou em sua página na internet que o objetivo do tratamento é reconhecer o vírus e impedir sua propagação, reduzindo assim sua capacidade de infectar mais células.

Em 2019, o processo de coleta de plasma dos cavalos foi automatizado por meio da plasmáfereze - processo de separação do plasma do sangue por meio da filtração, resultando em uma melhora na qualidade de matéria-prima dos soros.

Teremos vacina de dose única para Covid-19?

Olga Sofia lembra que desde 2002, com os avisos de mudanças climáticas e epidemias de SARs-CoV na China, já havia um sinal de alerta para a possibilidade de uma nova pandemia. "Em 2018, o Instituto promoveu atividade ao longo do ano, em um grande projeto para alertar para o possível risco de uma nova pandemia, para lembrar dos 100 anos da epidemia de gripe espanhola e para alertar sobre os riscos do movimento antivacina. O evento foi intitulado "100 anos da gripe espanhola: Imagine um mundo sem vacinas", finaliza.

Em março de 2023 o centro de pesquisa publicou uma nota na sua página na internet sobre um estudo que tem como propósito tornar a vacina contra a Covid-19 uma única dose, "Os primeiros resultados são muito promissores. Ela funciona para produção de anticorpos contra a influenza e para produção de anticorpos contra Covid-19", afirmou em nota o diretor de Produção do Butantan, Ricardo Oliveira.

O diretor ainda ressalta que os estudos são iniciais e estão na chamada prova de conceito, quando se coletam resultados de análises feitas em amostras não humanas.

Da androginia ao genderless: a (r)evolução na moda masculina

Desde os anos 60 até os dias atuais, diversas expressões de gênero transformam a forma como enxergamos a masculinidade na moda e no mundo

Por Enrico Souto, Kiara Elias, Luciana Zerati, Ramon de Paschoa

Não é de hoje que a moda passa por inovações. Entretanto, este universo de cores e criatividade, antes direcionado somente para mulheres, bate na porta das grandes grifes em forma de discussões de gênero. O que se definia como masculino ou feminino desaparece gradualmente e, o que antes tratava-se de tendências monopolizadas por marcas alternativas, hoje são peças que conquistam lugares em inúmeras coleções de luxo.

Completando três anos da pandemia de Covid-19, o boom do TikTok fez as grifes migrarem seus olhos para Geração Z, que mostra criatividade na hora de misturar os elementos de seu guarda-roupa, ao ponto de que o rosa – que antes era negado entre os homens, se torna destaque na coleção da Pink PP, da Valentino, e na trend do #BarbieCore, com Lewis Hamilton, Sebastian Stan, Conan Gray e Maluma usando o modelo monocromático.

Gabriel Vinicius, estudante de moda, reflete o quão difícil é encontrar referências de modelos para quem veste *plus size* na sessão masculina e reflete sobre a influência das cores em seus trajes. Ele explica que, por vivermos em uma sociedade machista, muitos homens optam por se prender ao preto, cinza e tons mais escuros, feitos propositalmente para não chamar a atenção.

usar diferentes peças, sem ter aquela coisa de ‘gostei, mas não vou comprar porque é uma roupa de mulher’, conta ele.

Moda andrógina

Apesar do clima de novidade, subversões de gênero na moda estão longe de ser um movimento novo. Na realidade, o crescimento do uso de peças que desafiam o preceito de “masculino” e “feminino” trata-se, também, de um reflexo da retomada dos anos 70 e 80 enquanto tendência – quando artistas como Marc Bolan ocupavam os palcos com visuais brilhantes, maquiagem, cores fortes e cabelos longos, forjando para sempre o que conhecemos como moda andrógina.

O termo androginia é comumente utilizado para demarcar pessoas que apresentam características tanto masculinas quanto femininas, produzindo uma relação de ambivalência entre os dois polos. Desse modo, a moda andrógina surge como uma maneira de manipular os padrões de gênero para gerar uma estética completamente nova.

Antes de adentrar o universo masculino, entretanto, a moda andrógina já dava frutos em vestimentas femininas no período da Segunda Guerra Mundial, quando mulheres substituíram homens alistados no trabalho braçal das indústrias e plantações, o que deu abertura para um uso maior de calças, botinas e outras peças ‘masculinizadas’, justamente por sua maior flexibilidade e funcionalidade. Contudo, seria somente mais tarde, em 1966, que esse processo tomaria as passarelas, quando a Yves Saint Laurent lançou o *le smoking*, série de ternos feitos sob medida para mulheres.

Para os modelos masculinos, o surgimento da estética andrógina se confunde com a difusão de mobilizações sociais nos anos 60, como o movimento *hippie* ou a segunda onda do feminismo, além da chegada da Revolução Sexual proposta pela contracultura. Expressões musicais como o *Glam Rock* ou o *Punk* tiveram em sua raiz a ruptura de normas e a subversão de expectativas, utilizando, assim, a ambiguidade da roupa de seus artistas como elemento de choque ao grande público.

Foi neste período que Mick Jagger scandalizou o Hyde Park, em Londres, ao se apresentar com os Rolling Stones usando um vestido projetado pelo estilista Mr. Fish. David Bowie, na era Ziggy Stardust, combinou maquiagens psicodélicas e seu

icônico *mullet* vermelho com os quimonos, vestidos e sobretudos estampados – projetados pelo designer japonês Kansai Yamamoto – para atordoar as concepções binárias de gênero da indústria musical. Assim como as jaquetas metalizadas com calças de brilhos laterais, que eternizaram Freddie Mercury, ressoam nos desfiles mundo afora até os dias de hoje.



David Bowie e Marc Bolan foram precursores do que conhecemos como moda agênero hoje



© Montagem: Ramon de Paschoa

Entre as grandes marcas, Jean Paul Gaultier foi pioneiro da moda andrógina, rompendo fronteiras culturais e sexuais com as grandes saias vestidas por seus modelos em 1985. Apesar das polêmicas da época, outras grifes da alta costura, como Martin Margiela, Comme des Garçons, Ann Demeulemeester e Helmut Lang seguiram o mesmo caminho do estilista francês e cravaram a androginia como característica definidora do mundo *fashion* até o final dos anos 90.

Embora a moda seja conhecida por seu vasto histórico de transgressões de gênero, há uma distinção pivotal entre as propostas do passado para as contemporâneas: se a moda andrógina brincava com a mesclagem de peças para mulheres e homens, movimentos como o *genderless* têm como premissa o apagamento completo de toda separação entre masculino e feminino.



Alguns looks feitos por Gabriel que fogem do regular masculino

O estudante ainda comenta que sempre procurou por peças com cortes diferentes, como calças com quadril mais afunilado de cintura alta, mas não encontrava. Para os amantes de peças vintage e caçadores de brechós, porém, essa busca acaba por ser mais fácil. “Uma vez comprei em um site, provei e gostei muito. Foi aí que passei a comprar só na sessão feminina. Acho que as pessoas foram abrindo a mente e hoje se sentem mais livres para



© Montagem: Ramon de Paschoa

Harry Styles e Billy Porter apostando em looks 'genderless'

O que antes já foi chamado como *unissex* agora elimina definitivamente os rótulos visuais, podendo qualquer modelagem ser vestida por qualquer gênero.

Não só isso, como também o discurso em torno de uma maior abertura à outras expressões de gênero, previamente fadado à marginalidade, começaram a ocupar o debate público, inclusive abraçado por celebridades e grandes empresas, que viram, para além de uma demanda de nicho, uma incrível oportunidade mercadológica. Gabriel diz enxergar nisso uma espécie de 'polinização', que propaga estas ideias a espaços antes inexplorados. "É assim que conseguimos furar a bolha aos poucos. Mesmo que seja por polêmicas, essa exposição ajuda que cada vez mais pessoas nos vejam com naturalidade", comenta.

Celebridades

Em grandes eventos como o *Met Gala*, *Grammy*, ou até mesmo o *Oscar*, vemos celebridades apostando em looks diferentes do terno regular. Muitos apontam Harry Styles como o nome destaque desta geração ao abraçar a moda sem gênero, seja em suas apresentações com figurinos coloridos ou quando estampou a capa da revista *Vogue* usando um vestido.

Billy Porter também é outro que se destaca na moda *genderless*. O astro foi um dos primeiros homens a divergir do que se considera regular e faz de suas aparições um grande evento, apostando em trajes que extrapolam os padrões de gênero. Peças com cores vibrantes, *collant* com brilho ou vestidos recheados de tule fazem parte de seu grande repertório. "Sempre foi uma expressão para mim. Sempre quis fazer algo diferente. Sempre quis me expressar em minhas roupas de maneira diferente", disse em sua entrevista para a *Allure Magazine*.

Da mesma forma, nos anos 90, Will Smith utilizava um *cropped* no seriado *Um Maluco No Pedaco* (1990). Assim como o pai, Justice Smith deu vida ao seu personagem em *Generation* (2021) onde sua caracterização era utilizar roupas livres da identidade de gênero. A figurinista Shirley

Kurata diz que as peças utilizadas para construção do protagonista: "bebem de fontes LGBTQ+, anti-desperdício e livre de gênero."

Outro filho de Will que se destaca na moda *genderless*, Jaden Smith, é o porta-voz deste debate desde cedo e, consigo, trouxe a mensagem de que a masculinidade poderia ser flexível. Em sua entrevista para a *FFWMAG*, ele diz que "em relação às normas de gênero, acredito que não há mais necessidade de fazer distinções, mas as pessoas simplesmente não entendem isso. Eu não vejo roupas de mulheres e de homens, vejo apenas pessoas com medo e pessoas confortáveis com elas mesmas fazendo o que gostam".

No cenário nacional, Vitão colocou-se na linha de frente de uma moda que visa superar a masculinidade tóxica – sobretudo no contexto brasileiro, que tem se demonstrado preconceituoso. Prova disso é a reação de internautas a postagens do artista nas redes sociais, em que mostra seus looks com roupas curtas e acessórios brilhantes, concatenados por uma maquiagem tomada em sombras coloridas e batons chamativos.

Em resposta, o cantor declarou, em seu perfil pessoal, acreditar que "moda é arte, é poder brincar com nossa imagem, nos transformando a cada dia em uma pítada de tudo aquilo que é referência para nós, que nos apaixona. Se minha vestimenta, meu cabelo, meu rosto ou minha voz causa raiva em você, isso é algo que você tem que mudar, não eu".

Passarelas

Em um universo tão binário, a moda ainda é fortemente definida pela divisão de masculino e feminino. Mas o que se definia somente como moda masculina tem ficado no passado. Com a repartição entre os gêneros mais invisíveis, as grandes grifes investem gradativamente na proposta do que seria a nova masculinidade, com estilos de roupas mais fluidos e sem padrões.

Entre os códigos de tradição britânica e da alta-costura francesa, Yves Saint Laurent apresentou, em 1958, sua coleção de

estreia na *Dior*, causando um impacto no mundo da moda ao fundir o masculino e o feminino em um mar de novas possibilidades, refletidas até hoje.

Rener Oliveira, jornalista de moda e editor-chefe do *Nordestesse*, acredita que esse momento foi um ato de liberdade para a moda, dando possibilidade a um guarda-roupa mais democrático. "Essa estética é perpetuada até hoje, dando autonomia para as mulheres e criando debates na indústria da moda sobre essas questões de pertencimento da indumentária", aponta.

O investimento das marcas em relação às coleções masculinas cresce a cada ano e o principal motivo para isso seria a retomada das escolhas pessoais. Não vivemos mais no tempo em que a roupa define o indivíduo – seja seu gênero ou qualificação profissional –, o que amplifica as oportunidades de expressão, comunicação e personalidade.

Além disso, a moda nos permite ser múltiplos de acordo com as nossas próprias perspectivas. Essas peças ousadas, vistas agora como aliadas na construção da identidade ao invés de um aprisionamento, dão à moda masculina abertura para discussões que vão além da função de vestir. Com o desenvolvimento do *co-ed*, como são chamados os desfiles mistos, foi-se o tempo que o jeans e o couro dominavam as passarelas como prova de masculinidade. As marcas desafiam cada vez mais esses padrões, apostando em *cropped*s masculinos e cintura baixa.

Até mesmo a alfaiataria, que costuma ser vista como 'uniforme seguro dos homens', recebe versões mais ousadas e criativas, com recortes vazados, lapelas curtas e peças acinturadas. No entanto, é necessário lembrar que muito do que reflete a moda acontece antes nas ruas, e não é possível validar uma tendência apenas quando ela chega nas passarelas, um ambiente ainda normativo.

Vivemos em uma sociedade em que todos conversam entre si e influenciam a visão um do outro. Para Oliveira, portanto, essa influência pode contribuir para uma moda masculina com menos julgamentos e com coleções progressivamente mais inventivas, como foi o caso do desfile primavera-verão da *Versace*, na Semana de Moda de Milão em 2019, onde homens e mulheres puderam vestir estampas, ternos, shorts com tênis e sandálias *vintage*.

"Diariamente precisamos repensar qual o nosso papel social dentro e fora da internet, e como estamos usando a nossa plataforma para, de alguma maneira, mudar pensamentos retrógrados, que não fazem mais sentido para nossa realidade", ele ainda reforça como a moda masculina é um passo importante para esse debate, através de mais diversidade e liberdade aos corpos.

Moda consciente: consumidor pede e mercado aumenta investimento em moda sustentável

Loja em São Paulo traz o *slow fashion* para reduzir o impacto ambiental



Etiqueta "Future of Fashion" em uma blusa verde, simbolizando a moda sustentável

fabricação de bolsinhas e usá-las como embalagens da loja. Além disso, as etiquetas de todos os produtos são feitas de material reciclável e possuem uma semente no seu interior. Assim, se forem descartadas, podem virar plantas após sua biodegradação. "Desde 2019 nós viramos

toda a produção para que os tecidos sejam sustentáveis e com selo para a garantia do consumidor".

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (Abit), apenas a indústria têxtil gera cerca de 175 toneladas de resíduos no país anualmente. Além disso, de acordo com a Organização das Nações Unidas, essa indústria é responsável por despejar cerca de 500 mil toneladas de resíduos no oceano.

As chamadas *fast fashions* (moda rápida) são as maiores contribuintes para este número de descartes, por utilizarem o conceito de moda com data de validade. Neste conceito, as peças de roupa, acessórios e calçados são lançados de acordo com o que está em alta no mercado e, assim que o produto cai de moda nas tendências, são descartados para a entrada de uma nova coleção.



Fachada da loja Uhnika em Pinheiros, São Paulo

Por Laura Mello, Marcela Baltazar e Paula Moraes

Estima-se que a indústria da moda e o consumo excessivo sejam responsáveis por cerca de 8% da emissão de gás carbônico na atmosfera, sendo a segunda mais poluente do mundo. Foi pensando em inovação que Mariana Ferraz criou a loja Uhnika, juntando mudança e sustentabilidade. "A Uhnika veio como esse laboratório para fazer essa experimentação".

A ambientalista Carla Moura explica que o conceito *slow fashion* (moda lenta) utilizado pela Uhnika é amigo do meio ambiente, pois, por aproveitar todo o ciclo de vida da roupa, diminui o descarte de peças que ainda podem ser utilizadas. "Estará diminuindo todo um processo de degradação ambiental, desde a extração da matéria prima, à transformação disso em mercadoria, fazendo com que toda a poluição gerada – emissão de gases atmosféricos, lançamento de efluentes, o tingimento e até o descarte – diminua consideravelmente."

A profissional também afirma que, para se calcular o impacto ambiental da indústria da moda como um todo, precisa ser levado em conta toda a cadeia produtiva, desde a extração da matéria prima até sua exposição em vitrines, compra e o descarte. Para ela, é necessário observar o uso de agrotóxicos na produção de algodão, se houve degradação no solo onde havia a plantação, com que material foi feito o tingimento do tecido, como e onde foi feito o descarte, dentre outros.

Mariana Ferraz explica a produção de sua loja mostrando como iniciou o ateliê com zero resíduos, separando tudo para reciclagem. Depois, viram que era possível utilizar os retalhos de tecido para a

Além de sustentável, lojas como a Uhnika estão a um passo mais perto do futuro da moda do que os seus concorrentes, as *fast fashions*. De acordo com o relatório de uma pesquisa feita pelo *Research and Markets*, investir em sustentabilidade é o norte para o mercado da moda, visto que, no período de 2019 a 2023, o setor cresceu cerca de US\$ 1,9 bilhões. Além disso, a tendência é que, entre os anos de 2025 e 2030, haja um crescimento de US\$ 15,2 bilhões na indústria sustentável.

Um estudo realizado pela KPMG no ano passado em 11 países no mundo mostrou que cerca de 85% dos consumidores mudaram o estilo de vida e o comportamento com o intuito de serem mais sustentáveis, juntamente com 76% que acreditam que proteger o meio ambiente é mais importante do que obter crescimento econômico.

De acordo com o relatório do Sebrae, o número de estabelecimentos como brechós – que vendem peças usadas para consumo consciente – cresceu 210% nos últimos anos. Estes dados mostram como a procura do consumidor está mais voltada para questões de sustentabilidade, consumo consciente e responsabilidade ambiental.

A ambientalista Carla Moraes acredita que lojas como a Uhnika, brechós e outras marcas que promovam o consumo consciente vão ter mais espaço no mercado futuro: "Eu acredito que é esse o caminho e que elas cada vez mais vão se preocupar com isso, porque existe um nicho de mercado, uma consciência coletiva, e uma responsabilidade socioambiental que cobram por isso".

Por outro lado, mesmo com o crescimento econômico e engajamento social para o consumo sustentável, não é possível afirmar que é equivalente à queda do mercado das *fast fashions*. A gigante chinesa Shein saltou de um capital de US\$ 2 bilhões em 2018 para quase US\$ 16 bilhões em 2021, de acordo com a reportagem do *The Guardian*.

Outras marcas como a Zara, H&M, Renner e C&A entram na lista como grandes *fast fashions*, sendo as mais populares e procuradas pelo consumidor. O desafio está em concorrer com os preços mais baixos.

A moda é, de acordo com a análise da empresa *Ibis World*, uma indústria de US\$ 2,4 trilhões, no entanto, ela perde cerca de US\$ 500 bilhões todos os anos por falta de reciclagem e descarte adequado, considerando as peças que vão a aterros sanitários antes mesmo de chegarem às vitrines. Ser sustentável é a nova moda.

Desconstrução na vitrine: como o *fast fashion* mudou o mercado da moda

Em desfile ousado, Beate Karlsson propõe análise sobre como marcas de luxo vêm atualizando seus conceitos para reestruturar as passarelas

© Reprodução/Hypebeast



Roupas se rasgando do corpo de modelos, durante o desfile na passarela

Helena Maluf, Manuela Mourão, Matheus Monteiro e Victoria Leal

Em fevereiro de 2023, a marca sueca AVAVAV desfilou sua coleção de outono/inverno, idealizada pela diretora criativa Beate Karlsson, no *Milano Fashion Week*. A coleção nomeada “*fake it til you break it*” (finja, até que você quebre), faz um trocadilho com a expressão americana “*fake it til you make it*”, sugerindo que, se as pessoas fingirem ser confiantes e felizes por um período de tempo, em determinado momento elas realmente vão se tornar felizes e confiantes.

O desfile em um primeiro momento aparentava ser comum, como qualquer outro sucedido durante aquela semana de moda, porém, episódios inusitados começaram quando uma das modelos iniciou seu desfile e, na metade da passarela, teve seu salto quebrado. De imediato, esse pequeno “acidente” aparentou ser apenas um erro de confecção, ou um grande azar para a marca; contudo, à medida em que os modelos seguintes desceram pela passarela, seus looks se desfizeram: as peças rasgaram, e até mesmo voaram de seus corpos em várias direções. Mangas de camisas foram brutalmente rasgadas do corpo das modelos, pernas de calças se descosturaram, moletons e camisas foram separados ao meio, sapatos quebrados, bolsas sem alça e saias caindo. Uma completa confusão instaurada.

O espectador não conseguia entender o que estava acontecendo diante de seus olhos. Foi então, como forma de “*gran finale*”, a diretora Beate Karlsson caminhou pela passarela para agradecer a presença do público e então, a parede que separava o camarim da passarela foi ao chão, expondo toda a coxia do desfile.

Todo esse cenário proposto pela marca serviu como uma grande crítica ao modelo de produção de roupas chamado “*fast fashion*” (moda rápida), onde o foco é na produção rápida e exacerbada de peças, usando materiais baratos e de baixa qualidade, que transformam esses itens em algo “descartável”, criando um ciclo de dependência no consumo e no desperdício. Dessa maneira, uma nova coleção estará disponível semanalmente nas lojas, acompanhando o que fez sucesso durante os últimos sete dias. Produções em massa como essas podem ser funcionais para quem as consome, porém, os pontos negativos que ela traz são bem mais preocupantes do que a praticidade.

O meio ambiente é um dos principais alvos desse modelo, uma vez que a confecção de novas peças exige um alto consumo de recursos naturais, em especial, a água. Segundo o *Fashion Revolution*, a produção de uma única calça jeans, consome em média 10 mil litros de água, e, anualmente, a indústria têxtil consome 93 trilhões de litros de água. Além disso, outra complicação é a produção constante e a baixa qualidade das roupas, que resulta em um alto desperdício de peças “disfuncionais”. Um exemplo dessa consequência é observado no deserto do Atacama, que nos últimos anos vem sofrendo pela poluição causada pelo descarte indevido de roupas; resultadas do *fast fashion*. Esse descarte formou no deserto um grande lixão a céu aberto, onde roupas do mundo inteiro são rejeitadas ali, tornando-se um verdadeiro shopping de despejo.

Outra problemática apresentada pelo *fast fashion* é a seleção de mão de obra. Buscando sempre o menor custo de produção possível, essa indústria é conhecida por estabelecer suas manufaturas em países emergentes, empregando apenas funcionários de baixa renda e explorando a possibilidade de uma mão de obra barata. Estes empregados então, terão trabalhos análogos à escravidão, com uma remuneração baixíssima, ou quase nula, e estarão sujeitos às péssimas condições trabalhistas, com nenhuma garantia de segurança ou saúde. Estes crimes, contudo, apesar de serem constantemente denunciados, são facilmente ignorados, visto a grande força e popularidade das marcas responsáveis pela produção e o seu peso no mercado econômico.

A professora Monaya, que dá aulas sobre a moda sustentável da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), contou para nós sua opinião diante das marcas estarem usando seu espaço e visibilidade para fazerem críticas ao modelo do *fast fashion*, “Eu acho que toda marca que usa a passarela para trazer uma crítica, um processo de reflexão, é muito válido. E a reflexão que se dá através da construção de moda, a efemeridade, em todas as discussões que cercam essa marca eu acho que são discussões fundamentais quando a gente está pensando nessa relação de moda no contemporâneo”.

Com a constante necessidade de inovar as tendências do mercado – devido a competitividade entre as marcas – e a grande reprodução dessas peças para acessibilizá-las ao mercado consumidor, entra em contrapartida com a intenção de diversos desfiles que visam colocar suas coleções em um patamar inalcançável. Entretanto, ainda existem diretores criativos que veem através das entrelinhas a construção elitista no mercado de luxo: “Eu tenho me perguntado; porque luxo é tão sério? É porque nos esforçamos para ser perfeitos? A má qualidade ainda pode ser luxuosa? A última coleção tratava de manter uma falsa projeção de riqueza e o fracasso pessoal de perder a face quando essa ilusão falha. Ainda estou nesse tema, há algo muito interessante sobre a vergonha e o que acontece quando estamos vulneráveis. Eu me perguntei qual é a coisa mais embaraçosa que pode acontecer a uma casa de moda e imaginei que a quebra de roupas pode ser isso”, afirma em entrevista Beate Karlsson.

Desfile do Salgueiro repercute em meio a polêmicas religiosas

Com a representação de um novo Jardim do Éden, a escola de samba é criticada por fiéis que condenam “atos profanos” apresentados na avenida

Por Amanda Furniel e Melissa Joanini

N a madrugada do dia 19 para o dia 20 de março deste ano, a agremiação Acadêmicos do Salgueiro pisou na Sapucaí com o enredo “Delírios de um Paraíso Vermelho” e falou sobre liberdade e profanação. Trazendo para a avenida uma crítica ao preconceito, ao pecado e à luta entre o bem e o mal, a repercussão do desfile foi totalmente oposta à mensagem que a escola tentou passar, sendo acusada de atos profanos e muito criticada por religiosos.

Considerada a “festa pagã”, o carnaval e a religião vêm se antagonizando por anos. A rixa se intensifica ainda mais quando se tem temas religiosos como destaque nas avenidas, e o episódio deste ano foi só a continuação de um confronto que se iniciou anos atrás.

A comissão de frente trouxe uma homenagem ao carnavalesco Joãozinho Trinta, em que ele duelava com a morte e devolvia o carnaval para o povo. O carnavalesco foi responsável pelo desfile emblemático da Beija Flor de Nilópolis, em 1989, com o enredo “Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia”. A estética “lixo e luxo” evidenciava o contraste da sociedade carioca e tinha como principal narrativa a população em situação de rua.

O desfile ficou marcado na história carnavalesca pelo icônico bordão “mesmo proibido, olhai por nós”. A escola de samba contava com um carro alegórico com a representação do Cristo Redentor caracterizado de acordo com o tema, porém foi censurado pela Igreja Católica. Apesar do empecilho, a alegoria entrou na Sapucaí coberta por um pano preto com um faixa expondo o bordão em forma de protesto. Esse



Carro alegórico “O bem vs o mal; da escola de samba Salgueiro em 2023

desfile foi um divisor de águas para o relacionamento entre a religião e o carnaval.

No desfile do Salgueiro deste ano, apesar de não ter sido censurado, foi fortemente criticado e condenado por fanáticos religiosos, mas não só por eles. Um dos carros mais comentados trouxe a representação da batalha entre o Arcanjo Miguel e o demônio. A alegoria intitulada “A batalha do bem contra o mal” não só foi tirada de contexto, implicando acusações de profanação e satanismo, como também foi apontada por internautas como a motivação da tragédia no litoral norte paulista – que ocorreu no final de fevereiro.

Segundo o livro Abre-Alas do Salgueiro – uma publicação que explica todo o desfile e é produzida por todas as escolas de samba –, a alegoria “representa uma grande catedral, lugar em que confessamos nossos pecados em busca de conforto e perdão. As falhas humanas foram deixadas do lado de fora, representadas pelos pecados nas alas do setor e pela grande figura do diabo que tenta profanar o templo, tomando-o para si. Do alto do santuário São Miguel se agiganta, altivo e destemido a derrotar a besta-fera invasora do território sagrado”.

O desfile também foi criticado como um todo, desde o enredo aos carros alegóricos e às fantasias, chamando atenção até mesmo de algumas personalidades que se manifestaram nas redes sociais, como a cantora e influenciadora digital Flay. “Que show de horror! Independente de religião, que triste ver um espaço tão importante para mostrar arte e cultura ser usado para enaltecer e adorar o demônio. Que desgraça isso, me entristece de verdade, mas é isso, cada qual com seu Deus”, publicou a ex-BBB em seu Twitter.

A retratação do Jardim do Éden – ou Paraíso – por um ponto de vista mais ou-

sado não foi tão bem recebida quanto se esperava. As várias referências confundiram os espectadores, e o enredo recebeu as piores notas dos jurados dentre todos os quesitos avaliados em seu desfile. Da mesma forma, o samba-enredo não arrecadou nenhum dez na apuração, mesmo ressoado pela boca da comunidade e pelas arquibancadas da Marquês de Sapucaí.

Além do enredo mal compreendido, o Salgueiro também foi prejudicado pelo seu gigantismo na avenida, como o “mega” carro de até cem metros de comprimento e dezesseis de altura, que enfrentou problemas (que não passaram de um susto) para entrar na avenida. Não só o público que acompanha o carnaval teve dificuldades de entender a mensagem, como também os internautas nas redes sociais e os próprios componentes da agremiação. Alguns passistas ainda afirmaram que o samba-enredo não estava claro o suficiente e que o ruído foi notório entre os participantes.

Apesar de toda a repercussão, a Acadêmicos do Salgueiro renovou o contrato com o carnavalesco Edson Pereira e convocou o enredista Igor Ricardo para ajudá-lo nos preparativos para o próximo ano. O convite veio do presidente da escola, André Vaz, reeleito em 2022 para seu segundo mandato. A expectativa é colocar o vermelho e branco na avenida novamente para o desfile das campeãs – que, pela primeira vez em quinze anos, ficou de fora após alcançar apenas o sétimo lugar na disputa.

Já pensando nos próximos anos, a escola pretende apresentar novos enredos com maior cuidado para prevenir problemas similares em desfiles futuros. Pensando nisso, Igor Ricardo revela que está estudando muito. “Estou lendo quatro livros, vendo documentários, entrevistando pessoas ligadas aos Yanomami. Meu trabalho será feito dessa forma”, afirma o enredista.



Desfile da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis em 1989

© Reprodução/Revista Cenarium

© Reprodução/Jornal O Globo

Centenário da Portela carrega a história do samba carioca

Enredos marcantes tornaram a escola símbolo de resistência nos carnavais, contudo, a Majestade desaponta no desfile de 2023

Por Lucas Malagone, Sophia Dolores e Fernanda Pradella

As escolas de samba, desde suas origens, são símbolos de resistência em que os marginalizados pela sociedade, principalmente de matriz africana, começaram a se encontrar para celebrar suas raízes. Este ano de 2023 marca o centenário da primeira agremiação, a Portela, um verdadeiro marco cultural não só do Rio de Janeiro, como dessa resistência no Brasil.

As agremiações atuais carregam um legado que atravessa séculos. De acordo com o jornalista e criador do Instituto Cravo Albin, Ricardo Cravo, em "Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares" (UERJ, 2009), as possíveis faíscas das estéticas que invadem as avenidas brasileiras em fevereiro remontam ao século XVIII.

Conjuntos de moradores da cidade do Rio de Janeiro fluem pelas ruas, sob um único som e com um objetivo: festejar. Esta é uma imagem construída em uma reiterada prática social: as procissões religiosas. O jornalista aponta que em torno do ano de 1707, a corte portuguesa cultivava a tradição de beber em qualquer tipo de celebração – inclusive naquelas que tomam o espaço das ruas. Assim, o espaço público é palco de diversão musical e celebração há três séculos no Brasil.

Mais tarde, em 1850, as origens populares do samba começam a tomar forma. Em oposição aos bailes de máscara, acessíveis a elite social, surgem os "zé-pereiras", celebrações musicais feitas na rua, organizadas por um conjunto de bumbos criados pelo sapateiro José Paredes – apenas com instrumentos de percussão, o verdadeiro coração das Escolas de Samba que nascem nas décadas de 1920 e 1930.

No início do século XX, os chamados "Ranchos Carnavalescos", ainda dominados pelas classes dominantes, passaram a organizar desfiles de carnaval e integraram alguns debates sobre causas da época através de carros alegóricos. Em contrapartida, nas proximidades da Lapa Boêmia, a população que naquele momento ocupou regiões hoje denominadas como favelas e de maioria negra, passando a se reunir para tocar samba – gênero ainda recém inaugurado –, onde os grupos se auto-denominavam "Escolas de Samba".

Neste contexto, em 1923, foi fundado o "Conjunto Carnavalesco de Oswaldo Cruz", que nos anos seguintes passou a ser chamado com Escola de Samba da Portela, considerada a mais tradicional do País.

Na década de 1930, o grupo foi a primeiro a introduzir alegorias e em 1935, a primeira a desfilar com um "Samba-Enredo". Em 1939, criou um samba específico para contar a história do desfile que ali passava.

A decepção no centenário em 2023

Dona de 22 títulos, a primeira e mais vitoriosa escola de samba carioca completa seu primeiro centenário em abril deste ano e para celebrar, contou sua própria história na Sapucaí deste ano com o enredo "Azul que vem do infinito". O enredo que fez parte do seu desfile de aniversário traz a história do início da escola sob o olhar de Paulo da Portela, representado pelo ator Ícaro Silva.

Mais do que o aniversário sendo comemorado no sambódromo, a Portela celebra a revolução que provocou no carnaval, sendo a agremiação mais antiga em atividade e a única que participou de todos os desfiles desde o surgimento da competição.

Ao **Contraponto**, Squel Jorgea, a primeira porta-bandeira do Centenário da Portela, compartilha sua emoção em fazer parte de um momento tão importante como esse. "A responsabilidade de guiar o primeiro pavilhão centenário como da Portela é indescritível, é uma sensação de peso histórico muito grande. É você olhar para trás e enxergar que a história da Portela outrora, foi defendida por tia Dodô da Portela, minha madrinha, a primeira porta-bandeira da escola que me escolheu para ser afilhada".

"Fazer aquilo que eu mais amo, que é dançar, dar aula, essas coisas me motivaram a poder voltar a desfilar, ainda mais sendo na Portela, em ano de seu centenário, e poder ser ainda a porta bandeira, a gente sabe que é um fato que marca muito, né?", conclui Jorgea.

Para o Carnaval de 2023, os carnavalescos Renato e Márcia Lage, responsáveis pelo enredo, desenvolveram a homenagem

ao centenário da Portela, celebrado em abril deste ano. Com o intuito de condensar os cem anos de história em um desfile de até 70 minutos, os artistas escolheram cinco baluartes da agremiação para conduzir a narrativa: Paulo da Portela, Natal, Monarco, Tia Dodô e David Corrêa.

Comemorações à parte, enredos festivos e tradicionais nunca foram garantia de sucesso na competição entre escolas de samba do Carnaval carioca. A Portela é o mais recente caso desse infeliz fenômeno, fechando a festa com a pior colocação em 18 anos, no ano de seu centenário, quando homenageou sua própria história.

A escola Azul e Branco terminou em 10º lugar, a antepenúltima posição, com 2,1 pontos acima do Império Serrano, que foi rebaixado novamente para a Série Ouro. Somente em 2005 a Portela teve um resultado abaixo do atual, quando ficou em 13ª posição.

A distância da disputa pelo título não abalou Squel, que segue abraçando o nome da escola e o carinho que recebe todos os dias dos Portelenses que a acompanham. "A Portela na minha vida está representando um recomeço. É muito importante para a Squel como mulher, para Squel porta Bandeira, como sambista. Eu fiz amigos no tempo que frequentei a Portela e poder voltar agora como defensora do pavilhão é de muita responsabilidade. Está sendo um momento muito especial."

O desempenho da agremiação no Carnaval de 2023 desapontou todos que amam, acompanham e torcem pela Portela. Esta é a forma encontrada para definir o desfile da escola, que deveria celebrar o seu centenário, mas que ficou marcado por uma série de erros em evolução e alegorias. Isso não desanima seus integrantes, que sonham em voltar a desfilar no topo da tabela. Squel exclama: "quero ser campeã do carnaval carioca, quero ser campeã pela Portela!".



© Lucas Malagone

Último carro da escola em seu desfile centenário, mostra os baluartes da escola

Michelle Yeoh e a branquitude no Oscar

Premiação da atriz malaia alimenta controvérsias étnicas na indústria cinematográfica ocidental

Por Carolina Peres, João Pedro Lopes, Maria Elisa Tauil e Raissa Santos

Na 95ª edição do Oscar, Michelle Yeoh fez história ao ganhar a categoria de Melhor Atriz. A protagonista de *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (2022), eleito Melhor Filme na cerimônia, tornou-se a primeira mulher asiática, e a segunda não branca, a receber uma das estatuetas mais cobiçadas da premiação em quase 100 anos. Com o prêmio nas mãos, durante seu discurso, ascendeu debates e reflexões sobre a xenofobia na indústria do cinema ocidental.



© AFP

Michelle Yeoh ao lado do seu Oscar de Melhor Atriz, durante a conferência de imprensa da 95ª edição do Oscar

No filme, Yeoh interpreta Evelyn Wang, uma imigrante e mãe chinesa que enfrenta crises familiares nos Estados Unidos. Sob o plano de fundo de viagens no multiverso e efeitos visuais, o longa traz discussões sobre relações maternas, importância da família e a busca pelo autoconhecimento. *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* ganhou 7 estatuetas, sendo a película mais vitoriosa da noite, e conta com 95% de aprovação da crítica no website estadunidense de cinema e televisão, *Rotten Tomatoes*.

Muitos acreditam que sua carreira começou com o filme que garantiu seu Oscar, entretanto a atriz iniciou sua trajetória no cinema em 1985 com a produção chinesa *Yes, Madam*. Mas a sua estreia em Hollywood só aconteceu por meio do filme *007 – O Amanhã Nunca Morre* (1997), em que se consagrou como a primeira mulher a ser reconhecida como *Bond Girl*.

Michelle Yeoh enfrenta obstáculos em sua carreira desde seu ingresso no mercado norte-americano, conhecido por ser restrito a minorias étnicas e raciais. “Quando vim fazer filmes aqui pela primeira vez, lembro-me muito especificamente de alguém ter dito: ‘Se escalarmos

um protagonista afro-americano, não há como escalá-la, porque não podemos ter duas minorias”, revelou a atriz em entrevista à revista americana *GQ*, em 2018.

Em mais de vinte anos de carreira, a artista já recebeu inúmeros prêmios e indicações, como na cerimônia *Hong Kong Film Awards* como melhor atriz, em 1986, e o prêmio da Academia Britânica de Cinema (BAFTA), em 2020. Mesmo assim, Yeoh só recebeu a merecida atenção do público diante da última edição do Oscar.

Retrato da xenofobia no Oscar

Diversos clichês xenofóbicos marcam a representação de amarelos no cinema norte-americano, com papéis que apresentam diversos estereótipos raciais. Os atores são escalados para interpretar vilões misteriosos e cruéis, personagens “nerds” fadados a sofrer *bullying*, ou, na grande maioria dos casos, o herói que domina artes marciais.

O cinema Hollywoodiano vem avançando a passos curtos no quesito de representatividade, entretanto os sucessos de bilheteria de filmes como *Shang-Chi* (2021), e os vencedores do Oscar, *Parasita* (2019) e *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (2022), mostram que o mercado está começando a mudar.

Em 2020, segundo o canal de televisão estadunidense *CNBC*, a Ásia Pacífica foi responsável pela venda de 51% dos ingressos da bilheteria mundial. No mesmo ano, pela primeira vez na história do Oscar, um longa-metragem sul-coreano ganhou na categoria de melhor filme. A vitória de *Parasita* (2019), representou o ponto de partida para a discussão da xenofobia dentro da categoria dos atores, já que nenhum artista do longa recebeu indicação.

Durante a 95ª edição do Oscar, Michelle Yeoh quebrou a barreira da xenofobia ao ganhar o prêmio de Melhor Atriz. “Para todos os meninos e meninas que se parecem comigo assistindo esta noite, este é um farol de esperança e possibilidades,” disse ela em seu discurso ao receber a estatuetas.



© Reprodução/A24

Segundo Dagmar Talga, realizadora audiovisual e mestre em comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), essa vitória representa uma transformação na indústria cinematográfica. “Essa indústria cinematográfica que produz e possui essa hegemonia de distribuição é muito poderosa, então quando isso acontece, esse surgimento diferenciado, é uma revolução que vem sendo construída a milhares de anos”, avalia a especialista.

A atriz malaia-chinesa se tornou a primeira mulher asiática e a segunda não branca a vencer o prêmio em quase 100 anos de história dessa premiação. A primeira mulher não branca a receber o prêmio foi a atriz Halle Berry no filme *A última ceia* (2001), há mais de duas décadas atrás. A vitória da norte-americana foi considerada um marco na história do Oscar. “Este momento é muito maior do que eu”, disse a primeira e única mulher negra a receber o prêmio de Melhor Atriz.

Para Francileia Paula, integrante do GT Povos Tradicionais Ancestralidades e Etnicidades da Associação Brasileira de Agroecologia e mulher quilombola, essa lacuna branca na história do Oscar representa o problema estrutural da sociedade. Ao *Contraponto*, afirmou que “seja a premiação do Oscar, ou em qualquer outro espaço na sociedade, ainda é um grande desafio descolonizar os processos de avaliação da premiação, o racismo estrutural ainda é mantido nesses espaços”.

“É para cada mulher de cor, sem nome e sem rosto que agora tem uma chance porque esta porta esta noite foi aberta”, disse Berry na noite da premiação. Para as pessoas que vivenciaram aquele momento, esse era o início de um novo capítulo na história da premiação, porém mais de 20 anos se passaram e a branquitude continuou dominando, não só nessa, mas em todas as categorias da principal premiação do cinema.

A vitória de Michelle Yeoh é um divisor de águas na história do Oscar e um marco na luta contra a xenofobia dentro da indústria cinematográfica. Em seu discurso para *SAG Awards 2023*, a atriz falou sobre esse sentimento: “acho que a coisa vai além de mim, representa tanta gente que desejou ser vista dessa maneira, ter um lugar na mesa, dizer: eu também tenho valor, também tenho necessidade de ser vista”.

Michelle Yeoh no filme *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* (2022)

De vítimas a assassinas: como a representação feminina nos filmes de terror evoluiu ao longo dos anos

Desde os anos 30, o gênero passou por mudanças na abordagem e nas perspectivas do papel das protagonistas nas telinhas

Por Ana Beatriz Villela, Beatriz Yamamoto, Bruna Quirino e Natália Perez

O crescente protagonismo feminino nos filmes de terror possibilitou a criação de uma nova construção narrativa, que foge dos clichês conservadores misóginos com personagens complexas e desafiadoras.

O filme *A Bruxa* (2015, dir. Robert Eggers), estrelado pela norte-americana Anya Taylor-Joy é exemplo disso. O longa mostra Thomasin, uma jovem camponesa que faz parte de uma família religiosa do século 17, enquanto explora a libertação feminina, a discussão entre o bem e o mal e a opressão das mulheres pelo fanatismo religioso.

O uso de narrativas dessas protagonistas nos filmes mais recentes, também está relacionado à presença de mais mulheres por trás das câmeras, já que essas profissionais já mostraram potencial para construir personagens femininas que são multifacetadas e menos rasas, além de escrever histórias derivadas das próprias experiências.

Desse modo, Alana Dysarsz, historiadora e cineasta, confessa que enxerga as mulheres na indústria cinematográfica como as protagonistas de todas essas mudanças. “Quem quer fazer filme de terror, é fã de terror. É preciso esforço ativo e senso crítico para não acidentalmente reproduzir aquilo que você gostaria de desconstruir. Ainda não em número, talvez, mas com os trabalhos mais interessantes e criativos.”

Em todos os gêneros de filmes hollywoodianos, as mulheres usualmente desempenham um clichê atribuído às próprias personagens, e no terror não é diferente. A representação feminina nessas películas é uma ferramenta de análise do papel que a mulher ocupa na sociedade, dentro e fora do âmbito cinematográfico.

Para a cineasta, não há somente um filme que tenha revolucionado o protagonismo feminino no gênero terror, mas cita duas obras que expõem o estereótipo de como a mulher é retratada. *Carnival of Souls* (1962), de Herk Harvey, é um filme independente que retrata a vida de uma mulher que muda para uma cidade pequena e não consegue se encaixar na sociedade local. O longa apresenta uma dinâmica de perigos sobrenaturais, que se misturam com os entraves psicológicos da personagem, que é mulher e vive sozinha.

Já *Dracula's Daughter* (1936), de Lambert Hillyer, é a continuação do filme clássico do maior vampiro de todos os tempos. Na trama, a filha do conde Drácula busca a cura para o vampirismo, mas a aventura

não dá certo e a Condessa acaba assassinada no final.

Inspirado em *Carmilla* – novela do século XIX sobre uma vampira lésbica – o filme foi criticado pelo conteúdo *queer* implícito, principalmente pelo cenário de censura da Hollywood dos anos 30. Porém, no contexto em que foi criada, a película é revolucionária.

A cineasta reflete sobre o papel desempenhado pela personagem principal da trama da novela e como a obra propõe uma nova abordagem para uma personagem mulher. “Para o espectador moderno, para mim, e talvez para mulheres *queer*, esse filme pode ser ressignificado de formas interessantes”, acrescentou Dysarsz.

As duas películas trazem os diferentes protagonismos possíveis para personagens femininas no terror. De forma que o espectador se questiona: ‘Quem pode ser mocinha e quem pode ser a vilã na história do cinema?’. A mulher ativa sexualmente e que extrapola as normas patriarcais não será a ‘mocinha’. A mocinha sempre é branca, heterossexual, jovem e pura.

Os longas de terror *Slasher* – produções que têm assassinos em série e enredo com pouco desenvolvimento além da trama das mortes – foram popularizados nos anos 60, com histórias de *serial killers* que perseguiam grupos de adolescentes. Na maioria das vezes, meninas.

Além das mortes gráficas e dramáticas, essas garotas ficaram conhecidas como *Scream Girls*, pelos gritos estridentes, como Marion Crane, interpretada pela atriz norte-americana, Janet Leigh, no filme *Psicose* (1960, dir. Alfred Hitchcock), que aparece apenas como vítima.

Após os anos 70, o cinema estadunidense responde à crise econômica e social que ocorria no país. Uma onda de conservadorismo tenta resgatar os valores familiares supostamente perdidos nos anos anteriores,

com a segunda onda do movimento feminista, as reações contra a Guerra do Vietnã e outras reivindicações sociais.

O conceito de *Final girl* (a última mulher viva a enfrentar o assassino) surge nesse contexto histórico, como uma maneira de reforçar o papel da mulher na família e os valores da pureza.

Esse estereótipo é observado em filmes notórios da indústria cinematográfica, como *Pânico* (1996, dir. Wes Craven), *Sexta-Feira 13* (1980, dir. Sean S. Cunningham) e *Halloween* (1978, dir. John Carpenter). A identificação das espectadoras com as mulheres desses longas é um dos motivos para tanto sucesso.

A empresa A24, produtora de filmes independentes, traz de volta o terror *slasher* às telas, e dessa vez, com o protagonismo feminino além das *Final girls*, com os longas, *X: A Marca da Morte* e *Pearl*, ambos de 2022 e com direção do americano Ti West. A nova perspectiva abordada foi tão boa que os dois se tornaram grandes sucessos e viralizaram entre o público feminino e jovem.

Nas duas obras, as protagonistas são mulheres decididas a fazer qualquer coisa em nome do sucesso – incluindo matar. Em *X*, é narrada a história de Maxine que faz filmes eróticos em busca da fama. E na outra obra de Ti West – que é anterior a *X* – conta a história de Pearl, uma jovem que deseja fugir da vida pacata na fazenda e sonha em ser uma estrela.

Mesmo com as notórias mudanças na indústria, o caminho até a visibilidade dessas novas narrativas ainda é longo e cheio de percalços. “O cenário do cinema contemporâneo é tão fragmentado e múltiplo que existem filmes de todo tipo. Continuam a existir muitos filmes que reproduzem violências e imagens nocivas sobre mulheres – eles só sabem disfarçar melhor hoje em dia”, concluiu Dysarsz.

Mia Goth como a assassina no filme “Pearl”



© Reprodução/Twitter

Anima o terreiro!

Pâmela Peregrino, diretora do curta-metragem “Ewé de Òsányìn: o segredo das folhas”, fala sobre a mudança na representação de religiões afro-brasileiras

Por Annanda Deusdará dos Santos,
Flavia Cury e Murari Vitorino

Nesta edição do Big Brother Brasil, o participante Fred Nicácio, médico por formação, protagonizou um debate que ferveu na mídia: três integrantes foram acusados de intolerância religiosa após relatarem que sentiam medo do doutor. Associaram a sua religião, o culto de Ifá, à maldade e perversidade. Nicácio agora ameaça processar o trio.

A emissora Globo também protagonizou, no mês anterior, uma história antagonista à essa do BBB. Na novela “Vai na Fé” (2023, dir.: Paulo Silvestrini e Cristiano Marques), é retratado em uma cena o personagem Benjamin se encontrando com sua ancestralidade ao visitar um terreiro de Candomblé, tendo uma repercussão favorável entre os telespectadores pelo jeito positivo que retratou a religião.

Assim, com esses exemplos, é de se ponderar o poder da representação de religiões além do cristianismo nos produtos midiáticos.

Animação Ewé de Òsányìn: o segredo das folhas

A curta-metragem animada, “Ewé de Òsányìn: o segredo das folhas” (2021, dir.: Pâmela Peregrino), conta a história de uma criança que nasce com folhas no corpo e por isso, é discriminada por seus colegas de escola. A personagem foge para a Caatinga, bioma típico do sertão brasileiro, onde encontra seres encantados de tradições indígenas e negras que a ajudam no processo de autodescobrimento.

Pâmela Peregrino, diretora da animação, diz que a política de cotas e a pressão para a inserção de pessoas negras tem causado um impacto positivo para a representação desse grupo na mídia. “É fundamental para retratações não pejorativas ou estereotipadas das personagens negras e, especialmente, do sagrado afro-diaspórico”, explica a animadora.

Um ponto chave do filme é quando o protagonista usa seus conhecimentos para curar um colega da escola e, ao se depararem com a cena, os estudantes o caçoam e agredem. Esse momento retrata o racismo religioso presente desde cedo em nossas escolas, como analisa Peregrino: “o personagem se deflagra entre estudantes, mas também na própria estrutura escolar e curricular que não acolhe os praticantes de religiões de matriz africana, bem como não oferece conhecimento

para a comunidade escolar poder romper preconceitos e práticas discriminatórias.”

A produção teve a participação integral do terreiro de candomblé, desde o ateliê e estúdio montado na casa da Iyá Kekeke do Terreiro, até os detalhes depositados na trilha sonora. Marcelo Maroon, diretor musical do filme, escolheu a dedo os instrumentos utilizados no curta-metragem. “O berimbau, assim como o atabaque e o agogô, são instrumentos ancestrais e bastante respeitados na ritualidade preta”, conta o músico.

O berimbau, muito utilizado na capoeira, remete a circularidade, a ancestralidade e a raiz. Ele é uma forma de chamamento ancestral para uma ideia circular de se entender a música, o tempo e a própria origem. “A presença do Berimbau na trilha demarca não só uma sonoridade, mas uma retomada do discurso das musicalidades pretas, dentro da nossa perspectiva de pensar a música”, explica Maroon.

Dentre as figuras das religiões de matriz africana apresentadas no curta, nota-se Esu, o senhor dos caminhos, que inicia um encontro da criança com a ancestralidade. Depois, vê-se a entidade baiana com seus conhecimentos sobre a mata, e o orixá Ewé de Òsányìn que finaliza o curta deixando mensagens importantes para o público, sobre importância do encontro com a ancestralidade, o autodescobrimento e aceitação de quem se é; além dos cuidados com o meio ambiente para preservar a humanidade

O desmonte dos órgãos de denúncia

Desde o início da gestão atual do governo do Lula, as violações ao direito de liberdade religiosa cresceram em 64% quando comparadas ao mesmo período do ano passado, conforme dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH).

Em 2023, já são 217 denúncias dessa categoria registradas em janeiro e fevereiro através do Disque 100 – Disque Direitos Humanos –, abrigado pela ouvidoria. Em comparativo com o ano anterior, janeiro, fevereiro e março totalizaram 132.

Bruno Renato, atual gestor da ONDH, esclareceu ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania que os números reduzidos do ano passado tendem a ser fruto da subnotificação, um dos resultados da política de esvaziamento do Disque 100 do governo Bolsonaro.

© Reprodução



Ewé de Òsányìn: o segredo das folhas

Os dados levantados no governo anterior apresentaram uma distorção desde o início. Enquanto os dados oficiais relatavam que a perseguição religiosa sobre todas as religiões cristãs somava 76%, durante o segundo semestre de 2020 e o primeiro semestre de 2022, a perseguição às religiões de matriz africana representavam apenas 2% neste mesmo período.

Se forem observadas as denúncias acumuladas entre 2011 e 2018, os afros religiosos foram os mais perseguidos, sendo 60% de acordo com a reportagem Terreiros na Mira, lançada em 2019 pelo site de notícias Gênero e Número e pelo Datalab.

Além disso, o II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe, publicado em janeiro deste ano pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas e pelo Observatório das Liberdades Religiosas, em parceria com a Representação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), aponta as maiores vítimas dos casos de intolerância religiosa: aqueles que seguem as religiões de matriz africana. Essas crenças lideram em volume todos os tipos de violações – desde injúrias e vandalismos até agressões físicas e homicídios. Sendo também, o Estado de São Paulo a maior sede dessas violências.

Desde o dia 22 de março, a Cúpula dos Povos, que reúne 180 organizações da sociedade civil, tem tido articulações em Brasília para reiterar a fragilização do órgão de denúncia e se reunir com autoridades dos três poderes para passar o panorama real das comunidades negligenciadas nos últimos quatro anos. A principal pauta levantada pela cúpula é o aprimoramento do Disque 100, com urgência para garantir a segurança e assistência social imediata para as vítimas.

A culpabilização do prazer feminino

“É muito difícil você encontrar uma mulher que, seguindo os costumes da religião, vai se permitir tocar na sua vulva, praticar a masturbação”, afirma a cantora Ingrid Arruda

Por Fabiana Caminha, Laís Bonfim, Laura Boechat e Maria Clara Alcântara

A sexualidade feminina sempre foi um assunto delicado ao redor do mundo, principalmente em um país conservador e de raízes religiosas como o Brasil. Ao longo da história, o sexo sempre foi visto como algo para os homens, e as mulheres tinham apenas o papel de servir seus companheiros. Essa mentalidade só começou a mudar no início dos anos 80, quando a discussão virou pauta dos movimentos feministas brasileiros. “As mulheres sempre foram vistas como objetos do sexo, e não como seres com desejos sexuais” afirma a cientista social e professora da PUC-SP, Carla Cristina Garcia.

No ambiente religioso, esse assunto começou a ser introduzido na última década, porém a abordagem foi um pouco diferente, pastores(as) passaram a discutir na igreja sobre a blindagem do casamento, que constitui em manter acesa a “chama” através da sexualidade, com isso, *sexy shops* viram essa nova demanda surgir e começaram a focar em produtos destinados à esse público.

“Não tem porque eu fazer o que eu quero, se eu posso fazer aquilo que o Senhor deseja.” A aluna de direito de dezenove anos, que prefere não se identificar, compartilha a sua visão sobre a escolha de manter a castidade até o casamento. A estudante faz parte da campanha cristã “Eu escolhi esperar”. O movimento atua nas áreas de preservação sexual e integridade emocional. Com mais de dois milhões de seguidores nas redes sociais, o movimento busca incentivar e orientar jovens cristãos a não praticar sexo pré-matrimonial. Para a jovem, essa é uma decisão como qualquer outra.

“Para mim, sempre foram processos. Cada dia que eu experimentava e via que Deus era bom e desejava o melhor pra mim, mais vontade eu tinha de obedecê-lo em todas as áreas da minha vida”, conta a estudante, que decidiu participar do movimento por volta dos seus quatorze anos.

Não existe passagem bíblica que se refira especificamente ao sexo pré-matrimonial. No entanto, os cristãos que consideram a prática impura se baseiam em trechos em que o sexo fora do casamento é definido como imoral. “Eu nunca me senti pressionada pelos meus líderes, ninguém me obrigou a isso, e para falar a verdade, nunca nem me questionaram a respeito”, explica a estudante. No entanto, ela afirma sentir-se julgada pelas pessoas de fora da igreja.

O sexo já é um grande tabu, mas quando nos referimos ao público evangélico, torna-se ainda mais complexo. De acordo com a sexóloga e dona do *sex shop* “Dona Coelha”, Natali Gutierrez, a censura ocorre uma vez que as relações sexuais no meio evangélico geralmente só acontecem depois do casamento e são voltadas à penetração. “São consumidores que vão aos poucos entendendo esse universo (da sexualidade) e trazendo outras opções para o relacionamento”, explica a empreendedora.

Gutierrez conta que existem diferenças entre produtos eróticos direcionados ao público geral e ao evangélico. Apesar de o conteúdo do cosmético ser o mesmo, a mudança vem de outras formas. “No geral, o que se modifica é a embalagem e a comunicação. Os produtos para o público em geral têm nomes como *Cliv Intt* e *Sempre Virgem*, são mais descolados. Quando a gente vai para uma abordagem evangélica, temos o *In Heaven*. Os nomes e cores são diferentes. Tudo é mais suave e sutil.” Segundo a sexóloga, os termos biológicos do corpo humano podem intimidar os religiosos, e até mesmo o tom de voz na hora da venda deve ser diferente. “É uma abordagem mais séria”, conta.

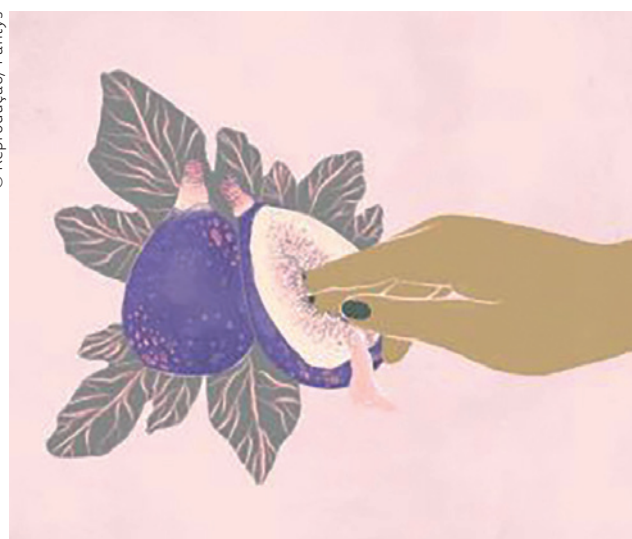


Produtos “In Heaven”

A procura dos cristãos aos *sex shops* segue o padrão do público geral: é mais comum que as mulheres busquem o mercado erótico. Mas, ao contrário das muitas consumidoras que buscam brinquedos para o prazer desacompanhado, as evangélicas normalmente apostam em produtos discretos e voltados ao prazer a dois.

“É muito difícil você encontrar uma mulher que, seguindo os costumes da religião, vai se permitir tocar na sua vulva,

© Reprodução/ Pantys



praticar a masturbação”. A cantora Ingrid Arruda, diz que procurou um *sex shop* após ter tido problema com a libido em seu antigo casamento. Ela conta que, ao chegar no local, se assustou com a estética, mas após falar com a atendente, começou a se interessar pelos produtos e, atualmente, é uma frequentadora assídua.

“Eu entendi que o que eu estava fazendo era me entender biologicamente. A minha motivação não era pecaminosa, eu precisava entender como meu corpo funcionava para fazer com que meu ex-marido entendesse também”, diz Arruda.

Dentro de seu antigo casamento, a aceitação do uso de brinquedos e produtos foi um problema pela parte do ex-cônjuge. Deixando claro que esse não foi o motivo do término, ela diz que o marido ficou chateado e inseguro no começo. Feliz por estar em uma relação mais aberta à conversa, a cantora afirma: “Hoje as pessoas falam muito de sexo fora do casamento, mas esquecem de falar sobre dentro do casamento”.

Mesmo tendo sido criada em um ambiente religioso, ela teve relação sexual antes do casamento e diz que se tivesse uma instrução mais cedo de como entender sua sexualidade, poderia ter recorrido a outras formas de lidar com os hormônios. “O problema não é masturbação. Quando ganhamos uma maturidade, tanto na vida quanto na fé, a gente vê que o problema são os motivos que levam a masturbação”, finaliza Arruda.

Capitalização sob o corpo da mulher: hipersexualização ou empoderamento feminino?

A sexualização da figura feminina no meio mainstream é permeado por dois lados de uma mesma moeda



© Reprodução/Blog do torcedor - UOL



© Reprodução/Globo



© Reprodução/Forbes



© Reprodução/Portal G4 Educação

A hipersexualização do corpo feminino é comum no mercado musical.

Da esquerda para a direita: Iza, Ludmilla, Madonna e Anitta.

Por Malu Araújo, Maria Ferreira dos Santos e Sônia Xavier

Desde Madonna a Anitta, a exposição do corpo feminino é uma constante na indústria musical, seja em vídeos, apresentações ou simples postagens nas redes sociais. Em muitos casos, a nudez vem acompanhada de uma hipersexualização através de recursos como coreografias, ângulos, poses, objetos e trejeitos fetichizados. Esse é um artifício utilizado por uma lista extensa de personalidades como Nicki Minaj, Luísa Sonza, Iza, Ludmilla, Tini, Shakira e Rosalía, todas, inclusive, já tiveram algum trabalho visto como *hit*.

Apesar de comum, essas produções nunca estiveram livres de críticas à expressão da sexualidade. Diante disso, as artistas envolvidas tendem a defender que não tem vergonha do seu corpo e que usar da sua sensualidade é uma forma de empoderamento feminino. A professora doutora em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Vivian Marcello Ferreira Caetano, acredita que essa é uma forma válida de luta contra o patriarcado e defende que “o objetivo real dessas artistas é a rebeldia” a esse sistema.

Em contraponto, essa hipersexualização do corpo feminino pode perpetuar a visão de um “corpo objeto”, como explica a socióloga e psicanalista, Ingrid Gerolimich: “de certa forma essa cultura permanece, [...] é tão cruel essa forma do patriarcado, porque ela nos faz acreditar que a gente tem uma liberdade, uma liberdade do corpo, uma liberdade de ser que, na verdade, não existe, a gente tá muito presa ainda a grilhões do corpo, da beleza, da estética”.

Sob essa ótica da pressão estética advinda de figuras sexualizadas e, normalmente, com corpos padrões, há o crescimento pela procura dessa beleza. O Brasil fica em 2º lugar em intervenções

estéticas em todo o mundo, segundo o relatório de 2021 da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), sendo os procedimentos mais procurados os de rinoplastia, lipoaspiração e silicone.

E esse interesse não se reflete apenas na busca pela padronização do corpo físico, mas também no adocimento mental engendrado pela pressão social em cima desses corpos hipersexuais. “Por isso eu digo que é tão cruel essa forma de patriarcado [...] porque isso adocece, causa depressão, ansiedade, transtornos alimentares e tudo isso dentro de um sistema que vê essa hipersexualização como bobagem”, enfatiza a psicanalista.

Gerolimich acrescenta que não se pode esquecer que o mercado da música é, como qualquer outro, um mercado e que ganha com essa sexualização. Nesse quesito, a socióloga comenta que “o corpo feminino, infelizmente, a mulher queira ou não, é um capital e isso não é culpa das mulheres”. A historiadora Vivian Ferreira Caetano inclui à discussão a reflexão de que se toda vez que uma mulher estiver sendo sensual estará, necessariamente, servindo ao olhar masculino heterossexual. “No meu entendimento o discurso de hipersexualização serve para que conservadores continuem a controlar os corpos femininos. Dessa forma, eles justificam a violência de gênero culpabilizando a imagem sexualizada da mulher. Isso não é retirar a responsabilidade dos homens?”.

Em ressalva, a socióloga Gerolimich traz que a hipersexualização do corpo feminino está dentro de um processo no qual as mulheres fazem parte, o que “não significa culpá-las”, afinal “essas mulheres também querem um espaço para colocarem a sua música e para ganharem dinheiro”.

Por outro aspecto, Ferreira Caetano aponta como as artistas do *mainstream* ocupam o espaço público da forma como é possível, visto que por mais que “os tempos mudaram, as formas de resistência continuam as mesmas”. E uma vez dentro desse dinamismo, elas conseguem alinhar o “protagonismo feminino, dinheiro e visibilidade”, elucida a historiadora social.

E se por um lado temos uma indústria bilionária que capitaliza sobre esse corpo, por outro temos mulheres que se empoderam de seu capital e barganham seus direitos com ele, a pergunta que fica é “a estrutura patriarcal está preparada para essa nova geração?”, indaga a historiadora.

Mais um debate acerca do assunto é o recorte de raça, pois há uma discrepância de como a sexualidade de uma mulher branca é recebida pela sociedade em comparação a de uma mulher negra, por exemplo. Nesse contexto, a historiadora relembra que “a filósofa Angela Davis deixa claro que esta relação entre mulher negra sensual, pobre e doméstica é reafirmada nos países que sofreram com a escravidão. O Brasil, portanto, é um exemplo disso”. Todavia, há artistas brasileiras que colaboram com a quebra desses preconceitos. Ferreira Caetano citou as personalidades Iza, Ludmilla, Mc Carol, Valeska Popozuda e Tati Quebra Barraco.

Diante de um debate tão complexo, a professora diz que “nossa visão enquanto sociedade é ambígua e permeia entre tradição e modernidade com relação ao sexo e o corpo feminino”. Ela enxerga que uma resposta final a esse embate só será possível com o fim do patriarcado. Enquanto isso não acontece, a doutora alega que “o mais importante é defender o direito de nos expressarmos e não deixar que o olhar masculino sobre nós mulheres prevaleça”.

A ascensão e a queda dos reality shows no Brasil

O que se tornou o mundo desse gênero pós pandemia e quais são as mudanças do atual modelo do programa

Por Gabriel Cordeiro, Lucas Lopes, Pedro Lima, Pedro Paes

Os reality shows sempre foram uma forma de entretenimento popular, mas nos últimos anos houve um acelerado crescimento e até repentino desses programas. Dentre diversos fatores responsáveis por esse aumento da sua popularidade, estão desde a pandemia até uma reformulação do seu funcionamento.

Um dos principais fatores que ocasionaram mudanças no gênero foram as redes sociais, que trouxeram para os reality shows a necessidade de se adaptar a uma nova dinâmica de interação. Antes, os realities eram exibidos na televisão e o público tinha poucas oportunidades de interagir com os participantes. Atualmente, as mídias sociais permitem que os telespectadores tenham uma participação mais ativa, acompanhando o programa em tempo real, comentando e compartilhando suas opiniões.

Além disso, as redes tem o potencial de mudar o perfil de um participante vencedor. Juntamente com o desempenho dentro do programa, ter essa ferramenta fora do reality bem administradas e engajadas se faz fundamental.

Com a ascensão do ativismo online na internet, os participantes desses programas também estão cada vez mais sujeitos a serem “cancelados”. O termo cancelamento se refere ao boicote ou repúdio público de uma pessoa que tenha cometido uma ação considerada ofensiva ou inadequada.

Quando um participante de um reality show é cancelado, as consequências podem ser graves. Além de perder a oportunidade de ganhar o prêmio do programa, eles podem sofrer uma forte repercussão negativa em seus perfis online e em suas carreiras futuras. Empresas patrocinadoras também podem se distanciar desses participantes, prejudicando ainda mais suas carreiras.

Um exemplo de cancelamento acalorado foi o da cantora e influenciadora Karol Conká, eliminada do *Big Brother Brasil* (BBB) de 2021 com 99,17% dos votos (recorde de rejeição de um participante no programa). Conká disse em entrevista para o portal UOL que pensou seriamente em tirar a própria vida por receber inúmeras mensagens de ódio. Hoje, ela afirma que superou essa rejeição, mostrando que todos estão sujeitos a erros. Ainda na entrevista, ela comentou que está vivendo a sua melhor forma e se declara uma “nova mulher”.

Outro fator relevante para esse aumento de popularidade foi graças a uma

reformulação do reality show. Após uma edição com números baixíssimos em 2019, a Rede Globo mudou o formato incluindo personalidades conhecidas pelos jovens como o youtuber Pyong Lee, a maquiadora e influenciadora digital Boca Rosa, a cantora Manu Gavassi e outros.

Também foram incorporadas novas dinâmicas que atraíram mais telespectadores para o acompanhamento do programa ao vivo. Vale ressaltar que as emissoras desse gênero contaram com outro fator inesperado: a pandemia de COVID-19.

A pandemia alavancou o BBB 20, fazendo com que alcançasse números históricos de audiência – em contraste com a edição anterior, que bateu recordes negativos. Tomando destaque para o momento da eliminação – o famoso “paredão” – com maior número de votos da história dos reality shows mundiais, entrando para o *Guinness Book* (1.532.944.337 bilhão de votos).



Paredão protagonizado por Felipe Prior e Manu Gavassi fez história

Essa edição teve tanto sucesso que refletiu até nos números de seguidores dos participantes, com alguns chegando à casa de milhões de seguidores no *Instagram*, sem mesmo ter chegado perto de vencer o programa: Gabi Martins, Flayslane, Guilherme Napolitano e outros são participantes que conseguiram o feito. Isso contrastou até com campeões anteriores, que não chegaram nem a marca de 500 mil, como Cezar Lima do BBB 15, Dhomini Adriana do BBB 4.

O crescimento durante esse período tem explicação. Em entrevista para a Revista Digital Esquinas, a neuropsicoterapeuta Patricia Pires, explica que devido ao isolamento social, as pessoas tiveram maior contato com as suas emoções, que poderiam passar despercebidas devido a rotina agitada e, com isso, se evidenciou o tema da saúde mental.

© Divulgação Globo



Karol Conká durante o BBB 21

Os bons números do BBB persistiram até a próxima edição, com o BBB 21 quebrando novamente recordes de audiência. No entanto, não foi só o reality da Globo que teve bons números durante a pandemia, o reality *A Fazenda*, da emissora Record, também foi popular durante o período, chegando a índices que não eram vistos há uma década na emissora, com 13,6 pontos de audiência na grande São Paulo, na edição de 2020.

Entretanto, esses programas parecem saturados, com quedas significativas do consumo desde 2022. O BBB deste ano teve uma queda de quase 20% no iBope na grande São Paulo em relação a 2020 (28 pontos para 23 pontos), grande parte dessa queda se deve ao “fim” da pandemia e um excesso de produções do mesmo gênero.

A edição atual do programa registra números negativos, que mostram que a audiência média da temporada deste ano está em 18,7%; em 2021, esse número era de 27,2%, mostrando um indício de decadência do programa.

Para entender um pouco a visão do público, Henrique Sievers, amante e espectador de Reality Shows, explica ao **Contraponto** a queda

dos telespectadores e expõe sua opinião sobre o atual modelo do programa.

“Essa ideia de inclusão de famosos no BBB mais atrapalhou do que ajudou. Com os juizes da internet brincando de cancelar pessoas, pela maioria dos “camarotes” – famosos convidados pelo programa – já possuírem uma vida financeira estável, entram no programa com medo do cancelamento e de perder patrocínios, criando participantes robóticos e artificiais. Se não encontrarem uma forma de fazer com que os participantes se “entreguem” ao jogo, vejo a audiência caindo ano após ano.”

Apesar dos anos recentes de sucesso, a curva parece estar descendo para o consumo desse tipo de programa. O fim da pandemia ocasionou a volta de outros meios de entretenimento e a volta do “mundo real”. Tudo isso somado aos fatores já citados, faz com que os reality shows peçam, novamente, outra reformulação.

Traços amazônicos

Por Artur dos Santos

HÁ COISAS QUE PARECEM, mas não são; coisas que são e não parecem; coisas que não são e não parecem; e, por fim, coisas que parecem e são. Ironicamente, quero falar hoje de algo que é tudo isso ao mesmo tempo – um milagre!

Olha, se você já ficou para trás no raciocínio, posso te dar alguns exemplos para ajudar. Uma sombra parece, mas não é aquilo que a faz; uma hóstia é, mas não parece o corpo de cristo; o corpo de cristo não é e não parece uma convenção de carros rebaixados (exemplo óbvio, vai) e uma convenção de carros rebaixados é exatamente uma convenção de carros rebaixados.

Imagino que agora tudo esteja mais claro – à luz das minhas analogias de cunho filo-religioso-acadêmico –, então, vamos ao milagre que parece, não é, é, não parece, não é, não parece, parece e é ao mesmo tempo.

Você, estudante da PUC, foi à biblioteca recentemente? Eu não, não se sinta sob meu julgamento. Pensei em ir, não minto, mas não consegui passar da bela exposição chamada “Sonhos para a Amazônia: montagem em homenagem a Dom Cláudio Hummes” instalada na antes-sala – ou sala da soneca, como preferir.

Trata-se de uma exposição sobre indígenas, catequização, Mitras (ou chapéuzinho de bispo, ao público leigo) e “rostos com traços amazônicos”. Para a felicidade do vasto público leitor do Contraponto, não me contive e escrevi esta crônica sobre ela; afinal, encontrei um milagre.

A exposição, cara leitora, parece, não é, é, não parece, não é, não parece, parece e é, tudo ao mesmo tempo! Um milagre que me juraram inexistente. Sempre me disseram, em tom de condescendência, que seria impossível encontrar algo com tamanha metamorfose de essência, tamanha contradição filosófica, tamanha irreverência antropológica, mas – quem diria! – o encontrei na PUC, a Universidade católica que sempre perdoa e onde toda a água é benta.

Parece algo desprezível: você passa na frente da biblioteca, vê algumas samambaias dispostas em uma *vibe* de cafeteria-minimalista-moderna-em-Perdizes, algumas fotos de crianças indígenas e sementes de urucum e acaba nem reparando que no seu lado esquerdo tem um altar destinado ao tal Dom Cláudio Hummes. Este está organizado em formato de uma escadinha de quatro degraus. No primeiro está um cocar; um degrau acima, uma coroa de penas; no terceiro, o Mitra que pertenceu ao Bispo homenageado; acima dos três (adivinha!), um degrau com um Terço.

Tem também um recado que enuncia: “A igreja reafirma a importância de conhecer a realidade e de traçar metas específicas para a ação evangelizadora à luz da sagrada escritura e da tradição”. Calma, estudante, a cartinha não se refere ao Tradição situado do outro lado da rua – embora uma das maneiras de esquecer o que acabei de transcrever seja se tornar um cliente ávido e fiel deste nobre estabelecimento.

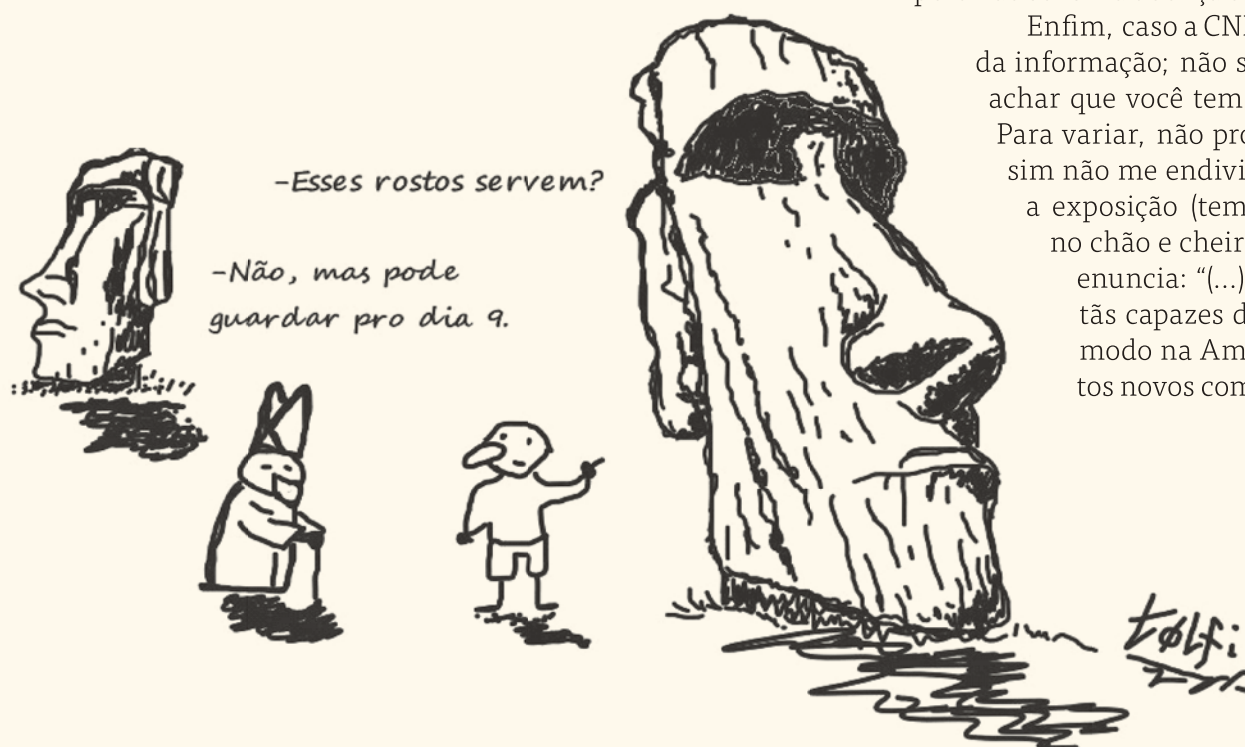
Para mim é evidente que a exposição parece ser sobre a Amazônia, mas não é; é sobre catequização de indígenas, embora não pareça; não é sobre a Amazônia, nem sobre indígenas, mas sobre catequização e dar à igreja “rostos com traços amazônicos”. Ela parece, não é, é, não parece, não é, não parece e é tudo ao mesmo tempo! O que mais se pode querer?

Eu tenho uma teoria – aqui se tem de tudo! – sobre o que são “rostos com traços amazônicos”. Na verdade, não é uma teoria, é uma pergunta: o que são “rostos com traços amazônicos”? Naturalmente não tenho respostas definitivas e me resta apenas deduzir o que a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, não Clubinho de Novidades Baseado no Bosque, como imaginei significar a sigla à primeira vista) pensa ser esses traços amazônicos aparentemente encontrados em rostos.

Seriam esses folhagens que as pessoas têm no rosto? Serrapilheira na sobrancelha? Fronteira agrícola em expansão na região do queixo? Uma Fordlândia abandonada na testa? Ou um *hit* de Carimbó Brega ao pé do ouvido? Espero não ser uma doença ou algo exótico; haja água benta.

Enfim, caso a CNBB não responda, corram atrás da informação; não sei se é aconselhável um Bispo achar que você tem traços amazônicos no rosto...

Para variar, não prometo nem entrego nada e assim não me endivido. No mais, divirtam-se com a exposição (tem até uma salinha com folhas no chão e cheiro bom na frente da parede que enuncia: “(...) sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à igreja rostos novos com traços amazônicos”).



Racismo e xenofobia: Vinícius Júnior é alvo recorrente de ataques dentro e fora de campo

Episódios preconceituosos chegam ao extremo, com gritos que pedem a morte do jogador

Por Gustavo Romero Pires, Felipe de Oliveira Santos, Felipe Volpi Botter e Kawan Novais Fernandes Chagas

Em 2018, Vini Jr., à época, com 18 anos, foi apresentado ao clube espanhol, Real Madrid. Rotulado como jovem promessa que deixava o Brasil para jogar em um dos maiores e mais competitivos clubes do mundo, o camisa 20 da seleção brasileira precisou lidar com o desafio de se adaptar a uma nova cultura, um novo idioma e, de forma inesperada, à pressão de ataques racistas e xenofóbicos no novo país.

O jornalista Tomás Rosolino, do portal Meu Timão, mora em Madri e participa de programas esportivos de rádio, e relata ao **Contraponto** os casos escancarados de racismo e xenofobia na Espanha: “O futebol é o reflexo da sociedade e comparando a Espanha com o Brasil, a comunidade espanhola está muito atrasada nesses debates. Claro que a rede social popularizou essas pautas, mas aqui os latinos ficam mais afastados do resto da população por um preconceito ridículo”.

Mesmo depois de se tornar um dos principais jogadores do Real, Vini Jr. sofre constantes ataques racistas e xenofóbicos. Em 2021, no Camp Nou, estádio do Barcelona, em partida contra os donos da casa, Vini foi alvo de racismo por parte da torcida catalã ao ser substituído durante a partida.

Em setembro do ano passado, o brasileiro foi vítima de ataques, mas desta vez, fora das quatro linhas, durante o programa esportivo “El Chiringuito de Jugones”. O empresário e presidente da Associação de Agentes Espanhóis, Pedro Bravo disse que Vinícius precisava “deixar de fazer macaquice”, ao se referir às danças que o brasileiro faz ao comemorar um gol. Em janeiro de 2023, torcedores do Atlético Madrid usaram uma ponte da cidade para pendurar um boneco vestindo uma camisa do Real Madrid, com o nome de Vinícius Júnior e o número que o jogador usa (20). A ideia era simular uma execução.

Em março deste ano, novamente contra os catalães, torcedores do Barça voltaram a entoar gritos racistas e ameaças de morte, como “macaco” e “Vinícius, morra!”.

Rosolino falou do tratamento da imprensa sobre os ataques. “Várias pessoas, incluindo jornalistas, tentam implementar o debate racial. Mas, aqui ainda é normal chamar os outros de macaco, mesmo sabendo que é errado, nos mostrando a falta de uma luta contra todos estes atos. E, na minha opinião, o jornal ‘Marca’, que é o maior da Espanha, deveria puxar esses debates no esporte”.

As perseguições contra Vini Jr. não acontecem apenas por torcedores. Jogadores também já se mostraram irados com o astro madridista e começaram a “caçá-lo” dentro e fora de campo. Em um levantamento feito por MisterChip, analista de dados futebolísticos, em fevereiro de 2023, Vini foi o jogador que mais recebeu faltas na Europa entre as sete principais ligas do mundo: foram um total de 79.

O zagueiro e capitão da equipe do Mallorca, Antonio Rallo, em 2022, havia dito que Vinícius usa o racismo como um “coringa” quando é chamado de “provocador”. Em fevereiro deste ano, o zagueiro voltou a atacar Vini ao dizer que não o considera como um exemplo para seus filhos. “Me limito ao que já disse e não direi muito mais. Se, amanhã, tiver que dar um exemplo aos meus filhos, darei o de (Luka) Modric, de (Karim) Benzema, mas nunca o dele”, afirmou o capitão em entrevista para a plataforma de streaming de esportes, DAZN.

Futebolistas saem em defesa de Vini

Companheiros de time comentaram sobre os ataques contra o brasileiro. “Parece que o problema é Vinícius, e não é assim. É um problema do futebol espanhol e deve ser resolvido”, disse Carlo Ancelotti, atual treinador do Real Madrid, ao expressar descontentamento com os atos racistas e exigir uma resolução em entrevista coletiva em Rabat, antes da semifinal do Mundial de Clubes.

O compatriota e colega de equipe, Rodrygo, em entrevista ao site Goal, falou sobre os ataques hostis. “Esse assunto nos incomoda um pouco. Não só ao Vinícius, mas a todo mundo lá dentro. Mas, sentimos que não temos mais nada para fazer, não temos mais forças. Sempre falando e nada muda. Eu, particularmente, não sei mais o que fazer quanto a esse assunto”, desabafou o brasileiro.

Após a fala do empresário Pedro Bravo, Neymar e Pelé defenderam o atacante brasileiro. O camisa 10 do PSG, nas redes sociais, disse: “Drible, dance e seja você! Feliz do jeito que é. Vai pra cima meu garoto, próximo gol bailamos”.

O Rei do Futebol, também nas redes sociais, comentou: “O futebol é alegria. É uma dança. É mais que isso. É uma verdadeira festa. Apesar de que, infelizmente, o racismo ainda existe, não permitiremos que isso impeça de continuar sorrindo. E nós continuaremos comba-



©Susana Vera / Reuters

Vinícius Júnior marca um gol pelo Real Madrid e faz comemoração antirracista

tendo o racismo todos os dias desta forma: lutando pelo nosso direito de sermos felizes e respeitados.”

Além do apoio de jogadores, a torcida merengue comprou a briga de Vinícius. No entanto, para Rosolino, a atitude não foi em respeito ao atleta, e sim uma defesa a um jogador do clube. “Fui algumas vezes no estádio do Real e vejo o Vini como um grande ídolo da torcida, fazendo com que ela compre suas causas, mas fica nítido que a defesa ocorre mais pelo respeito que um excelente jogador merece, do que pelo ser humano”, afirmou o jornalista.

Impunidades aos ataques contra Vini Jr.

A Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF), a La Liga – primeira divisão da Liga Espanhola –, e os promotores regionais não fizeram nenhuma intervenção concreta sobre os casos de racismo até o momento. Torcedores acusam as organizações de acobertar os infratores, que não recebem punições, e de usar argumentos incoerentes, como “não foi possível identificar os perpetradores”.

Vini Jr. também já criticou a Liga em mais de uma oportunidade, como quando alegou que a associação não faz nada a respeito dos episódios, em seu perfil do Twitter. “Os racistas seguem indo aos estádios e assistindo ao maior clube do mundo de perto, e a La Liga segue sem fazer nada. Seguirei de cabeça erguida e comemorando. No final, a culpa é minha”, desabafou o brasileiro.

Museu do Futebol: sua relevância cultural para o principal esporte do país

Inaugurado em 2011 e localizado no estádio do Pacaembú, o local possui itens históricos e diversos registros da trajetória do futebol brasileiro

Por Júlia Takahashi, Nina Januzzi da Gloria, Rafaela Reis Serra e Vinicius Villas Boas

Por preservar a história e a cultura da sociedade, os museus contribuem com o desenvolvimento da humanidade, criando ligações de identidade e trazendo os acontecimentos históricos como exemplos de resistências. Uma das identificações da cultura brasileira é com o futebol e o melhor espaço para se guardar toda a história do esporte é no Museu do Futebol, que busca mostrar as origens dos times, os nomes, os jogos e tudo que a prática esportiva engloba.

Para o jornalista e escritor Hélio Alcântara, o Museu realiza integração e experimentação, da qual permite o convidado entrar nas histórias que está vendo: “Os museus têm uma finalidade de contar histórias. O Museu do Futebol conta a história do esporte, mas também da gente, dos nossos sentimentos, dos nossos ídolos. Vivenciar toda esta trajetória e poder sentir-se parte disso, é, com certeza, o diferencial que ele traz”, destacou.

O centro cultural busca trazer exposições para que o visitante possa compreender a mensagem que o Museu deseja contar e passar. Para isso, suas salas foram divididas em 3 eixos: emoção, história e diversão.

O primeiro, o da emoção, tem início logo na entrada, por meio de uma sala decorada com quadros e bandeiras de clubes. Nele, há vídeos projetados e narrações de importantes jogadas da história, finalizando em um espaço abaixo das arquibancadas do Pacaembu, na qual reproduz a euforia e o sentimento de variadas torcidas de futebol, causando a imersão de seus visitantes como se estivessem em um estádio. Durante essa primeira divisão, o Museu realiza uma homenagem a todos os torcedores apaixonados e a seus

clubes, além de tocar quem passa por lá expondo fotos de diversos ídolos do esporte e vídeos sobre a emoção de um estádio em dia de jogo.

Após a primeira parte, a história do futebol em paralelo com a do Brasil começa a ser escrita por meio de paredes cheias de quadros, repletos de recortes de jornais e revistas de diversas épocas, que contam sobre como o esporte chegou, se difundiu e tornou-se popular no país. Durante esse eixo, o Museu busca ressaltar a importância da imprensa para o esporte, além de mostrar a interdependência que ambos possuem.

Por fim, o terceiro e último eixo do Museu, o da diversão, busca interagir com seus visitantes a partir de jogos virtuais interativos, vídeos sobre jogadas famosas, gírias do esporte, e curiosidades sobre o futebol, como campeões de Copa do Mundo. Uma das principais atrações do local se dá através do visitante chutar uma bola em um goleiro virtual.

Outro fator importante do espaço para a relevância cultural se dá pelo fato de tornarem o local democrático e representativo. Para Aira Bonfim, pesquisadora e co-curadora de exposições sobre o futebol feminino no Museu do Futebol, a instituição procura trazer a representatividade e a voz para a prática feminina. “Desde 2015, com o projeto ‘Visibilidade para o Futebol Feminino’, finalmente, a instituição passou a dedicar esforços para esse assunto. Com o início desse projeto que extravasou a própria exposição do Museu, e que então criou um relacionamento com este público, tornou-se o centro um lugar aberto para essa discussão, inclusive na acolhida dessas memórias, que não estavam muitas vezes em lugares institucionais de futebol.”

Além disso, as demonstrações de grandes conquistas fora das quatro linhas, e a escolha da sede como um projeto de revitalização da praça Charles Miller, geraram a ideia de um elemento intrínseco da cultura nacional.

Para o diretor educativo do Museu do Futebol, Marcelo Cottinelli, o foco da instituição é democratizar o local para todos os públicos. “O Museu, além de mostrar tudo sobre a história, aborda também a identidade do Brasil e sua luta por uma sociedade igualitária. Uma coisa importante que possibilitamos, são as visitas gratuitas em um dia de semana. Assim é possível trazer acessibilidade a todos os públicos sociais”, comentou o dirigente.

“O futebol é parte da cultura do brasileiro, e você ter um museu que fala sobre isso, é ter um ambiente que conta sobre a



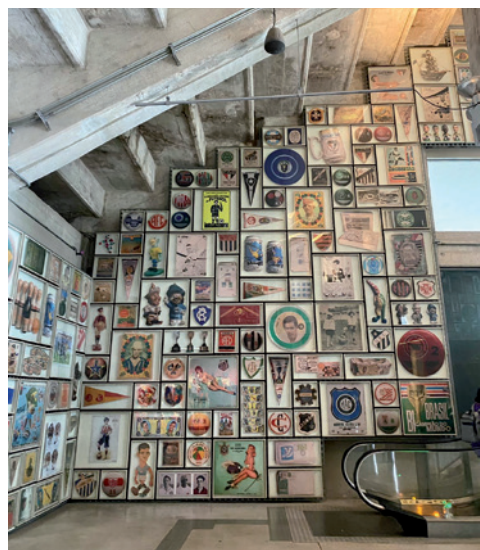
Totens com a história do futebol e do mundo, mostrando a importância da imprensa

identidade nacional. Então, essa proposta de o visitante se reconhecer na história que está sendo contada, talvez seja a maior peculiaridade dele. O público se enxerga como parte dessas memórias que o futebol marca na linha do tempo, e trazer essa experiência sempre será nosso principal objetivo”, concluiu.

Historicamente, o futebol era restrito aos homens e a uma parcela da sociedade. Em todo esse período, sempre houve preconceito às mulheres que jogavam clandestinamente, tanto que, em outras épocas, as jogadoras eram atrações de circo, por serem consideradas aberrações. No Brasil, durante o governo de Getúlio Vargas, foi instaurada a lei que proibia as mulheres de praticar futebol, que durou até 1986. Após cinco anos, aconteceu a primeira Copa de futebol feminina, da qual o Brasil esteve presente.

Além dessa, outras histórias que englobam o futebol são abordadas no Museu, sendo possível a realização de reflexões sobre o esporte em paralelo a outros acontecimentos que influenciam a construção da sociedade. Abordar as lutas de resistência é um passo muito importante que o Museu do Futebol procura sempre construir. A exemplo da final da Copa de 50, no qual o Brasil perdeu e os jogadores negros da seleção foram responsabilizados pelo resultado, principalmente o goleiro Barbosa, mostrando o posicionamento antirracista da instituição.

Para visitá-lo, é possível comprar o ingresso no site da “Sympla” ou na bilheteria física. Durante as terças-feiras, existe a disponibilidade de ingressos gratuitos. Embora existam obras no estádio do Pacaembu, o Museu do Futebol se mantém disponível de terça a domingo, das 09h às 17h.



Parede com escudos dos times de futebol

Ensaio fotográfico

Fotos tiradas no Museu do Futebol após incursões de alunos e docentes de jornalismo da PUC-SP



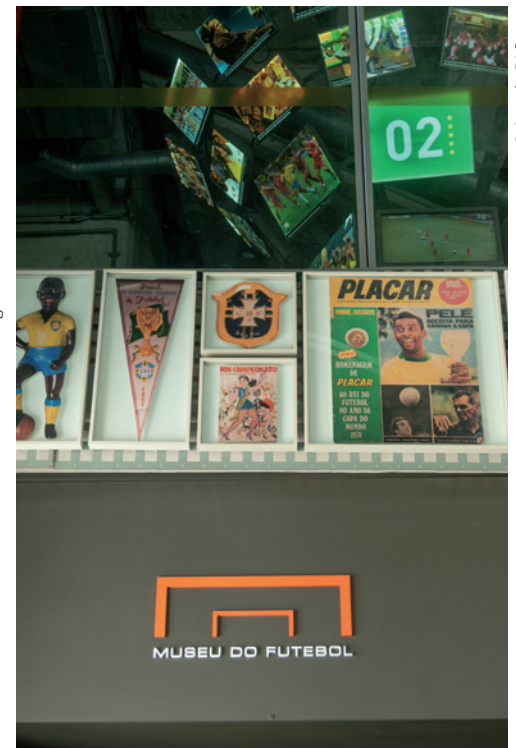
© Angela Di Sessa

Estádio do Pacaembu, onde está localizado o Museu do Futebol



© Angela Di Sessa

Bandeiras de times brasileiros no Museu do Futebol



© Angela Di Sessa

Insígnia do Museu do Futebol com imagens do Pelé



© Rafaela Reis Serra

Imagem da Praça Charles Miller feita do Museu do Futebol



© Rafaela Reis Serra

A evolução das chuteiras no decorrer do tempo



© Angela Di Sessa

Sala de projeções dos maiores jogadores brasileiros. Na imagem, Garrincha e Bebeto



© Angela Di Sessa

Uniforme da Seleção Brasileira



© Nina Januzzi

Sala sobre a história do futebol



© Rafaela Reis Serra

Sala da linha do tempo das Copas do Mundo

Onda portuguesa: o efeito dominó desde a vinda de Jorge Jesus e Abel Ferreira ao Brasil

Os técnicos lusitanos trouxeram em sua mala muita inovação, profissionalismo e polêmica, revolucionando o futebol brasileiro

Por Fabrizio Grecco, Leonardo de Sá, Kauã Alves Ferreira, Pedro Henrique da Silva Araújo, Philipe Mor Belizário, Rafael Rizzo

No dia 10 de junho de 2019, o recém-chegado Jorge Jesus foi apresentado no Centro de Treinamento do Ninho do Urubu, do Flamengo. O português chegava ao Brasil sem saber que faria história e mudaria o patamar do futebol nacional. Outro técnico lusitano chegou ao solo brasileiro para fazer história: Abel Ferreira. O Verdão trouxe um jovem treinador que nunca havia conquistado um título sequer em sua recente carreira. Mas existia um diferencial: sua mentalidade e a genialidade.

Jorge Jesus, ou “JJ” veio para substituir Abel Braga, que havia sido demitido pouco tempo antes. Em sua primeira coletiva após o desembarque no país do futebol, Jesus disse: “Meu passado está escrito e tem sua importância. Sou o treinador em Portugal que mais títulos ganhou, o que tenho que mostrar no maior clube do Brasil é o meu trabalho”.

No dia 11 de julho daquele ano, o técnico lusitano fez sua estreia à frente do rubro-negro carioca. O resultado foi um empate em 1 a 1 contra o Athletico-PR,

pelo jogo de ida das quartas de final da Copa do Brasil. Dali em diante, o “Mister” empilhou títulos até o fim de sua passagem no Mengão, em julho de 2020. Não apenas um vencedor, mas um revolucionário. Jesus trouxe para o Brasil olhos do outro lado do Atlântico.

Quase quatro meses depois, Abel Ferreira viria ao Brasil. Após uma série de conversas com o Palmeiras, o treinador e sua comissão entraram em acordo. No dia 02 de novembro de 2020, Abel e seus auxiliares desembarcaram no aeroporto de Guarulhos. O Palmeiras, àquela altura, havia desligado Vanderlei Luxemburgo do comando técnico da equipe.

Em sua primeira coletiva, disse: “Atravessei o Atlântico para trabalhar, ganhar, ajudar os jogadores a crescer, não para conhecer a cidade”. A partida inicial como treinador do Palmeiras também foi pela Copa do Brasil. No dia 05 de novembro, o Verdão ganhou do Red Bull Bragantino por 1 a 0. Além da vitória, a equipe avançou para as quartas de final do torneio.

Dito e feito. Abel se tornou o técnico com mais finais à frente do Palestra em toda a história do clube – 11 ao total. Além disso, conquistou títulos e, assim como seu conterrâneo flamenguista, mudou o sarrafo do futebol brasileiro. O lusitano segue no Palmeiras e tem contrato válido até o final de 2024.

Uma casa portuguesa com certeza

Por meio da influência de outros países, Portugal se desenvolveu na formação profissional de treinadores criando uma nova dinâmica no mercado internacional de técnicos. Essa onda atingiu o Brasil com a chegada de Jorge Jesus ao Flamengo, em 2019, e espalhou-se, com o tempo, pelo país inteiro. A mentalidade construída por eles desafia os profissionais canarinhos.

Com conhecimento tático superior, seriedade e estudo, os lusos colocam em cheque a cultura boleira e “relaxada” que predomina nas ligas brasileiras. Segundo Thiago Uberreich, jornalista da Jovem Pan, os portugueses chegam ao Brasil com outra visão, como qualquer outro de um país europeu, com conhecimentos técnico e tático mais avançados.

Essa evolução é explicada pelo longo caminho a ser percorrido pelos técnicos lusitanos. Enquanto no Brasil, o único caminho necessário para se tornar treinador é um curso da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), a CBF Academy. Já a FPF (Federação Portuguesa de Futebol) obriga os futuros treinadores a se submeterem a um processo de, em média, oito anos de formação acadêmica. Além disso, ainda é necessário alcançar o nível de licença desejado: A, B, C e D.

A seriedade e profissionalismo, para Thiago, é outro fator que distancia os níveis entre as federações. “A vantagem desses técnicos estarem aqui é trazer uma nova mentalidade e fazer com que a gente reflita sobre o momento atual do futebol brasileiro, que é ruim”, aponta.

Mesmo com as diferenças técnicas e metodológicas, não são todos os treinadores portugueses que se dão bem na terra verde e amarela. As condições precárias e o imediatismo dos clubes brasileiros atrapalham a continuidade de muitos trabalhos. A adaptação para alguns é mais complicada do que para outros, mesmo que a formação seja igual.

O país do futebol ainda tem bons especialistas na área, que podem não ter o conhecimento equivalente a um técnico europeu, porém implementam seu estilo de jogo, mesmo que com dificuldade. “Não é porque vem da Europa que é melhor do que um brasileiro”, explica o jornalista. “Tudo depende do conhecimento e da estrutura do clube”.

Impactos e mudanças

O espaço conquistado por Jorge Jesus (Flamengo) e Abel Ferreira (Palmeiras), que venceram três das últimas quatro edições da Libertadores à frente das equipes canarinhas, abriu as fronteiras do futebol brasileiro para os técnicos da Terrinha. Com Pedro “Pepa” Miguel recentemente anunciado como novo treinador do Cruzeiro, o número de técnicos portugueses no Brasileirão chega a oito. Além dos já citados, seguem os de Antônio Oliveira (Coritiba), Ivo Vieira (Cuiabá), Luís Castro (Botafogo), Pedro Caixinha (Bragantino), Renato Paiva (Bahia) e Vítor Pereira (Flamengo).

A fácil adaptação no país é um fator que deve ser considerado nessa febre de técnicos lusitanos, já que a língua é semelhante e muitos estão acostumados a trabalhar com atletas brasileiros, que constituem 118 jogadores em 18 times na Liga Portuguesa. O lado negativo dessa moda é que clubes passaram a acreditar que só Portugal produz grandes treinadores e, por isso,



© Reprodução/Twitter Conmebol

Jesus com a bandeira nacional após a conquista da Libertadores 2019

Abel Ferreira com taça
da Libertadores 2020

trazer um professor da terra de Cristiano Ronaldo é visto como a melhor opção. O sucesso desses profissionais mascarou algumas más atuações, como as de Ricardo Sá Pinto e Antônio Oliveira, por exemplo, que passaram por Vasco e Athletico-PR sem deixar saudades.

Esse “senso comum” pode piorar, considerando a maneira como técnicos brasileiros vêm perdendo espaço para treinadores lusitanos sem motivo. Exemplo lamentável é o caso de Dorival Jr., que ganhou uma Copa do Brasil pelo Flamengo e, como se não bastasse, dez dias depois, ganhou a Libertadores da América, competição mais reverenciada pelos brasileiros. Ainda assim, foi demitido para a entrada de Vitor Pereira que, até então, não tinha ganhado nada pelo Corinthians, e o mais perto que chegou foi ser vice-campeão na Copa do Brasil, perdendo justamente para o Flamengo de Dorival Jr.

Xenofobia aos portugueses

O sucesso da dupla lusitana desde sua chegada ao Brasil incomodou alguns jornalistas e treinadores brasileiros que, por sua vez, não pouparam críticas e palavras ofensivas aos estrangeiros. No começo, as críticas se limitavam ao desempenho e à metodologia, porém, com o tempo, os insultos se tornaram mais graves e depreciativos, fazendo alusão ao comportamento e à cultura dos portugueses, e como não seriam bem-vindos aqui.

A declaração de maior destaque foi a do ex-treinador do Atlético-GO, Jorginho, no ano passado, após derrota por 4 a 2 para o Palmeiras. “Vem ao nosso país e está desrespeitando o nosso país, os nossos árbitros, dizendo que ele [Ramon Abatti Abel] é cego, xingou de tudo que é nome e nada aconteceu, mas tudo bem”, disse o técnico em coletiva de imprensa.

Jorginho teria se indignado pela postura do Abel na beira dos gramados, além de como a imprensa tratava os recentes resultados e conquistas do português como se ele tivesse “descoberto” o futebol brasileiro. “O Abel é muito bom treinador e ponto final. Não está em discussão a questão da capacidade dele. O que está em discussão é que ele não descobriu o futebol, nós não estamos na época que portugueses estão vindo para cá e descobrindo o futebol, esquece”.

Outra declaração polêmica, desta vez da imprensa, foi a do ex-jogador do Corinthians e apresentador, Neto. Em fevereiro de 2022, em seu programa “Donos da Bola”, o comunicador exibiu um trecho da entrevista coletiva de Abel Ferreira após



© Reprodução/Lancepress

o empate por 2 a 2 contra o Athletico-PR, pela Recopa Sul-Americana. “Fico muito contente de ver jornalistas que entendem do jogo jogado. Do jogo falado, até meu pai e minha mãe falam. Mas do jogo jogado, é só para quem realmente estuda. Eu não tirei curso de jornalista, não falo de jornalista, mas os jornalistas conseguem falar dos treinadores sem tirar o curso de treinador”, argumentou Abel.

Em resposta, durante a transmissão, Neto se irritou e disse: “Você é tonto? O que você quer? Que o cara que se formou em jornalismo fale de ciência? O ex-jogador não pode falar que você mexeu errado? A sua mãe sabe mais? Sabe fazer bacalhau, cacetinho? A sua mãe seria tão covarde quanto você para enfrentar o Chelsea? Talvez sua mamãe não seria. Para mim, você foi covarde”. O Palmeiras publicou nota de repúdio contra as declarações do ex-jogador.

Outro caso recente aconteceu no Paraná, após o clássico entre Athletico-PR e Coritiba. Uma confusão generalizada tomou conta do gramado com chutes e troca de socos entre atletas e comissão, encerrando o jogo com oito expulsos. O Tribunal de Justiça Desportiva do Paraná (TJD-PR) convocou uma sessão para julgar o ocorrido e condenou atletas, comissão e os clubes. Durante julgamento, o técnico Antônio Oliveira, do Coritiba, teria sido alvo de xenofobia pelo auditor Rubens Dobranski, após este dizer que “os técnicos portugueses que estão trabalhando atualmente no Brasil parecem que estão querendo marcar território”.

O auditor também citou Abel Ferreira como exemplo de comportamento inadequado. Athletico-PR, Coritiba e Palmeiras emitiram notas de repúdio contra as falas de Dobranski. Conforme previsto na Lei nº 9.459 de 1997, xenofobia é definida como “os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”, sujeito à pena de reclusão, de dois a cinco anos, e multa, segundo decreto sancionado em janeiro deste ano.

Exceção ou Regra?

O sucesso de Jorge Jesus e Abel Ferreira transparece no número de títulos conquistados. Durante sua curta passagem pelas Américas, entre 2019 e 2020, o Mister conquistou cinco títulos, incluindo um Brasileirão e uma Taça Libertadores da América, sendo um número maior que o de derrotas acumuladas (quatro). Já Abel, com sete títulos pelo Palmeiras – dentre eles, duas Libertadores consecutivas, em 2020 e 2021 –, entra cada vez mais na história dos grandes técnicos de seu clube e do futebol brasileiro.

Apesar de todo esse sucesso, questões relacionadas ao método de trabalho dos técnicos portugueses não deixam de aparecer. Alguns comentaristas questionam se o modelo adotado por eles é garantia de uma tarefa bem realizada ou se os casos seriam exceções em números de títulos e êxito no comando dos clubes. Outros indagam quais seriam as principais diferenças entre as formas de comando lusa e brasileira.

Para Diogo Santana de Almeida, torcedor palmeirense, todo treinador português que vem para o Brasil cria maior expectativa, em razão das conquistas da dupla em questão, sustentadas pelas formas peculiares de comando que os diferenciam dos brasileiros. “A grande diferença para mim é a visão tática, e principalmente como administram o grupo e o vestiário de seus clubes”.

De modo geral, o sucesso no futebol não depende da nacionalidade do técnico. Abel Ferreira e Jorge Jesus podem ser exceções em seus trabalhos bem-sucedidos no país, quando comparados aos muitos outros portugueses que assumiram equipes aqui e amargaram derrotas. Por isso, os técnicos brasileiros não devem ser desvalorizados, mas devem aperfeiçoar suas técnicas e táticas. Afinal, o segredo do sucesso está na dedicação, na vontade e na disposição em relação ao trabalho e ao aprendizado.

A efetividade da implementação das torcidas únicas nos estádios

Medida implementada há sete anos não age no cerne do problema

Por Ian Valente, João Carlos Ambra,
João Guimarães e Rafaela Reis Serra

No estado de São Paulo foi implementada a medida de torcida única entre as partidas de futebol de times rivais para evitar confronto entre torcedores adversários há quase sete anos. Mas, mesmo com a decisão, ainda há episódios de violência fora dos estádios, muitas vezes combinados entre eles mesmos.

Por lei, todos os jogos entre Corinthians, Guarani, Palmeiras, Ponte Preta, Santos e São Paulo devem ter torcida única, sendo ela do mandante da partida. Essa norma entrou em vigor após o clássico entre Palmeiras e Corinthians pela 16ª rodada do campeonato paulista de 2016, onde houve confronto entre as torcidas, antes e após o jogo. Isso ocasionou em um homem morto e 57 presos, que foram liberados após prestarem depoimento.

O Ministério Público de São Paulo (MPSP), no dia seguinte, pediu à Federação Paulista de Futebol (FPF) que os clássicos fossem realizados com apenas uma torcida presente nas arquibancadas. A decisão foi anunciada pelo então ex-secretário de segurança pública do estado, hoje Ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, e pelo então promotor do MPSP, Paulo Castilho.

O professor adjunto da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas e doutor em história social do futebol e torcidas organizadas, Bernardo Buarque de Hollanda, comenta que o espírito competitivo do esporte prevê uma ideia da alteridade, uma relação com o outro. "O estádio tinha esse clima de 'quem vai ganhar?', gerando uma concepção de que a felicidade de um depende da tristeza do outro."

Para Bernardo, essa dimensão se perde a partir do momento em que não se tem "o outro" no estádio. Por isso que, não só no Brasil, como na Argentina também,

a torcida única canalizou muito a violência dos torcedores contra os jogadores.

Os clubes atingidos pela lei querem a volta das duas torcidas nos clássicos e estão se articulando para isso, como Palmeiras e São Paulo. Recentemente, eles estreitaram relações ao fazer uma nota conjunta pela revogação da decisão e por terem emprestado seus estádios um para o outro durante o Campeonato Paulista deste ano.

Para o **Contraponto**, o Diretor de Comunicação e Relações Públicas da Torcida Jovem do Santos, Matheus Gerlach, opinou sobre as parcerias que estão acontecendo entre os times rivais citados. "É extremamente necessário partir ações dos times para que movimentos não sejam enfraquecidos. Nesse caso, acredito que foi mais para atender as necessidades deles. Foi bom que teve respeito entre as duas torcidas com seus estádios, mas apesar disso, não vejo como uma movimentação efetiva para a volta das duas torcidas".

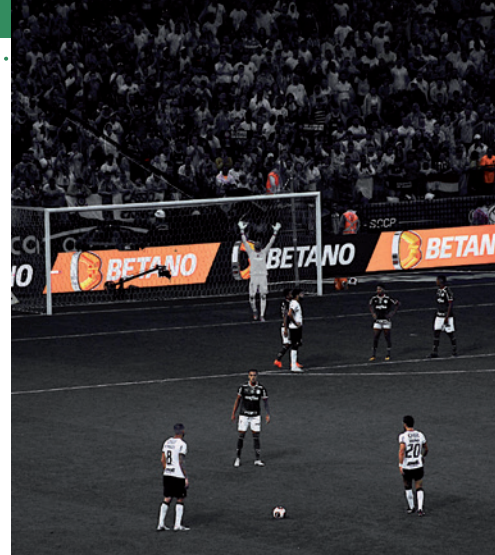
Para ele, a torcida única nos estádios se mostrou ineficiente em todos os estados brasileiros e em todos os países que também a adotaram.

"É a sociedade que mata mais que a guerra na Síria anualmente, uma sociedade violenta que vai refletir no futebol. Se as medidas não forem tomadas na raiz do problema, serão ações meramente ilustrativas que vão privilegiar apenas empresas e federações, às quais vão elitizar o futebol e aumentar seus próprios lucros", sinaliza.

Questionada sobre a eficácia da medida, a secretária de Segurança Pública respondeu em nota que: "a torcida única propiciou a diminuição das ocorrências dentro de estádios e nos arredores, além da ampliação do policiamento dentro e fora dos estádios. A 6ª Delegacia de Polícia de Repressão aos Delitos de Intolerância Esportiva foi direcionada para investigar os crimes relacionados a eventos esportivos, já o 2ºBPChq – responsável por policiamento em partidas de futebol – realizam reuniões constantes com representantes das torcidas organizadas e monitoram as ações para evitar que confrontos entre torcidas aconteçam".

O MPSP também foi consultado e, como resposta, expressou que acredita que "a medida é ainda fundamental para que sejam evitados grandes confrontos entre torcedores".

Torcidas Organizadas de São Paulo e Santos no Morumbi em jogo pelo Paulista, em abril de 2012



Torcida única corintiana, na Neo Química Arena, pelo Paulista de 2023. O jogo resultou no empate de 2x2 contra o Palmeiras

Sobre as proibições, o professor comenta que em um primeiro momento de fato é possível conter esses grupos, mas, aos poucos, vão se restabelecendo. Hoje em dia, é sabido que a torcida única não impede as brigas com morte na periferia de São Paulo, pois a proibição não age na raiz do problema. "Não há como marginalizar as torcidas, fingindo que elas não existem, enquanto as mesmas seguem atuando nos bastidores."

No dia 10 de fevereiro deste ano, a Mancha Alverde, preparou uma emboscada para torcedores da Gaviões da Fiel que voltavam de um jogo no ABC. Vale ressaltar que o ocorrido não foi em dia de clássico, muito menos na região dos estádios de ambos os times (Corinthians e Palmeiras).

Danilo Bui, vice-presidente da Gaviões da Fiel, expressa sua visão: "Eu enxergo essa medida vinda da instituição que temos, como também do Estado, que só demonstra que eles sempre tiveram lado e cor, que todas as pautas da classe trabalhadora eles fazem questão de exterminar, modificar ou explorar cada vez mais. Óbvio que essa medida eles dizem que é por conta da violência, mas sabemos que não. O interesse deles é de acumular mais riquezas, e assim, estimulam a falta de segurança".

Bui ainda afirma citando que eles dizem que querem combater a violência, mas eles sabem que essa medida não tem nenhum efeito e se quisessem mesmo, teriam que chamar mais camadas da sociedade e mais movimentos sociais.

"É óbvio que a violência não acaba da noite para o dia, já que ocorre no Brasil desde 1500. Quando você cobra um valor de R\$100 no ingresso, isso também é uma violência, ainda mais que o nosso salário mínimo é de R\$1300, você cobra 10% disso. Qual o intuito?"

Hollanda chama a atenção da ideia de não entender o ódio que se está combatendo, apenas proibindo. "[...] mas se você decreta leis que proíbem, ao invés de trabalhar com um princípio de 'porque as pessoas não conseguem diferenciar um rival de um inimigo?', isso foge da racionalidade. Vai além do clima de brincadeira do estádio e gera mortes, principalmente no Brasil, que ocupa o terrível ranking de país com mais mortes por brigas de torcida, segundo pesquisas do Maurício Murad", analisa.



Futebol feminino, a luta continua

A modalidade enfrenta dificuldades mesmo em ano de Copa do Mundo

Por Livia Catani Soriano, Maria Luisa Lisboa Alves, Pedro Almeida Premero e Vitorio Fleury e Silva

Alguns momentos marcaram a história do futebol feminino brasileiro e como a luta das mulheres foi responsável por mudar o cenário deste esporte tão importante no país. Em ano de Copa do Mundo feminina, aumentou o reconhecimento, mas ainda há a falta de popularidade, investimentos, patrocínios e fama. O futebol, esporte mais popular do país, é mais popular para quem?

A modalidade chegou ao Brasil no final do século XIX, mas os primeiros registros de jogos femininos foram somente nos anos 20. Em 1940, em São Paulo, após um mês da inauguração do estádio do Pacaembu, com o então conquistado patrocínio do Jornal dos Sports, foi realizada uma partida feminina entre os times cariocas Casino de Realengo Futebol Clube e Sport Club Brasileiro. O jogo gerou um impacto negativo na sociedade ao ver que mulheres estavam tentando conquistar a área dominada pelos homens.

A partir disso, o povo passou a pressionar a ditadura de Getúlio Vargas fazendo com que fosse criada a primeira proibição no ano de 1941.



Manchete de jornal em uma moldura

Mulheres não jogam

Com o decreto do Conselho Nacional de Desportos, o futebol feminino passou a ser banido, mas “as mulheres nunca deixaram de jogar futebol, mesmo com a proibição”, diz Fernanda Ribeiro Haag, doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mas, isso criou um obstáculo para o desenvolvimento da modalidade, já que não havia competições oficiais.

Haag conta como as mulheres fizeram para continuar praticando o esporte, com jogos beneficentes, de clubes, de associações de moradores, os das vedetes e de várzea, apontando como as partidas eram diversas.

A doutoranda fala que as classes às quais as jogadoras pertenciam eram distintas: “até em alguns clubes de elite as mulheres continuavam jogando. Também há relatos de empregadas domésticas que jogavam na Zona Sul do Rio de Janeiro depois do trabalho.”

“Nada foi dado, tudo foi conquistado”, explica Fernanda. Com a transição democrática durante a ditadura militar, houve um boom no movimento de mulheres ligado à luta democrática, junto a movimentos feministas, nos quais era discutido o futebol no gênero. A doutoranda cita o Festival Nacional das Mulheres em 1982, que teve um jogo feminino no Morumbi. Por fim, ela aponta que a resistência e a luta das mulheres foram decisivas para a regulamentação do esporte.

Recomeço

Mesmo com o fim da proibição do futebol feminino que ocorreu em 79, o esporte continuou sofrendo repressões e proibições, já que não havia uma regulamentação nacional. Assim, sofriam com a falta de investimento.

O futebol feminino foi regulamentado em 1983. Depois disso, surgem grandes times como o Juventus e Radar, que foram a base da seleção feminina para o torneio experimental da FIFA em 88, no qual as jogadoras utilizaram uniformes antigos do time masculino. Nesse torneio com 12 seleções, o Brasil ficou em terceiro lugar.

Já nas Olimpíadas de Atlanta em 1996, a modalidade foi incluída e nossa seleção contava com grandes jogadoras como Pretinha, Sissi, Roseli e tantas outras importantes para a história. O time ficou em quarto lugar, perdendo a medalha de bronze para a Noruega.

Na Copa do Mundo de 99, nos Estados Unidos, a seleção brasileira conquistou a medalha de bronze vencendo a Noruega, Sissi foi artilheira do torneio. Revanche.

Em 2004, nas Olimpíadas de Atenas, a nova geração com as nossas talentosas Marta, Formiga e Cristiane, ganharam medalha de prata.

Obstáculos

Apesar da visibilidade que o futebol feminino vem ganhando, com a primeira transmissão de uma Copa do Mundo em 2019, muitos problemas internos e externos ainda são encontrados nas primeiras divisões do Brasil.

A insegurança presente nos times femininos, geridos pelos clubes brasileiros, são um dos impeditivos para grandes investimentos, dificultando o crescimento.



Jogadora Marta após se tornar a maior artilheira da Copa do Mundo

Patrocínios entram em campo

Apesar dos importantes fatos, recentemente os patrocínios têm crescido consideravelmente nos campeonatos e camisas de time. Atualmente, no Campeonato Brasileiro A1, a elite do futebol nacional conta com 80 marcas diferentes pagando 16 times no total. Este número é o maior já registrado.

Na história recente, marcada pela final do Brasileirão A1 2022, Corinthians e Internacional protagonizaram os maiores públicos da história do futebol feminino. Na partida de ida, o Beira Rio recebeu 36.330 pessoas e, na volta, a Neo Química Arena lotou, com 41.070 espectadores.

Mesmo com poucos anos de prática da modalidade regulamentada, já se passou tempo suficiente para termos grandes destaques aqui no Brasil.

Marta é a principal jogadora da história da seleção, seis vezes eleita a melhor do mundo, coroada com o título de rainha, ela coleciona troféus e recordes, sendo a maior artilheira das copas e da seleção.

Sissi e Pretinha foram as pioneiras do futebol feminino, participando das primeiras competições mundiais femininas organizadas pela FIFA e dos primeiros jogos olímpicos com a modalidade inclusa. Já Formiga é um símbolo de longevidade no esporte, ela tem na carreira sete participações em Copas do Mundo e sete participações em jogos olímpicos, sendo recordista nesse quesito.

As promessas do futebol feminino

Com o início da Copa do Mundo marcado para 20 de julho, algumas jogadoras vêm se destacando no Brasil e no mundo e poderão fazer a diferença para a seleção brasileira na competição: Ary Borges, Bia Zaneratto, Duda Sampaio, Rafaelle, Geyse, Kerolin e Debinha. Rápidas, goleadoras, dribladoras e com uma ótima visão de jogo, algumas mais novas e outras mais experientes, fazendo com que a equipe fique equilibrada tanto emocionalmente quanto taticamente.

O automobilismo obsoleto

Por que as mulheres ainda não encontraram seu espaço nessa modalidade histórica?

Por Giovanna Takamatsu, Eduarda Basso e José Pedro dos Santos

O primeiro registro existente do automobilismo competitivo é de 1894, com a prova “Paris-Rouen”, ocorrido em Paris, na França. A partir disso, o esporte começou a ganhar popularidade, o que impulsionou a criação da Federação Internacional de Automobilismo (FIA) em 1904. A instituição inspeciona os circuitos e veículos e padroniza todas as categorias anexadas ao automobilismo, incluindo ralis, drag races, todas as Fórmulas (1, 2, 3 e E), sendo a Fórmula 1 (F1) a divisão de alto escalão. A história desse esporte é extensa, mas, em todo esse tempo, as mulheres nunca conseguiram concretizar sua presença, especialmente nas ordens mais prestigiadas.

A última mulher participante de um Grande Prêmio de Fórmula 1 foi Giovanna Amati, em 1991. Ela foi uma das cinco corredoras que conseguiram alcançar a prestigiosa categoria. A ausência feminina no automobilismo, no entanto, não é somente entre os corredores, e se estende, também, para cargos administrativos, midiáticos e mecânicos. Até as fãs são malvistas e criticadas. É comumente dito que muitas acompanham o esporte apenas em virtude da aparência dos pilotos.

A única forma que as mulheres eram bem-vindas era como *grid girls*, uma função hoje extinta. Elas tinham tarefas como ajudar a promover patrocinadores e segurar placas. O problema surgiu quando começou a ocorrer a hipersexualização, fazendo com que elas fossem vistas apenas como objetos para agradar o público masculino. Fã de Fórmula desde 2012, a estudante de odontologia, Juliana Latuf, comentou sobre possível volta das *grid girls*. “Acho que seriam totalmente maléficas por colocarem mulheres apenas como um acessório do esporte, e não como fãs que realmente entendem sobre”.

Compreende-se que existe uma misoginia histórica, e que mudanças não são bem-vindas. A presença de corredoras incomoda. “A Fórmula 1 é muito física para as mulheres”, afirma Helmut Marko, dirigente da Red Bull Racing, para *Kleine Zeitung* ao ser perguntado sobre a possibilidade de mulheres na Fórmula 1. Esses tipos de comentários, restringindo a participação feminina dentro de um espaço considerado apenas de homens, são comuns, tanto por telespectadores, quanto por pessoas dentro do esporte.

A chefe, administradora de equipe e pilota de kart amador e PRO, além de comissária desportiva de automobilismo paulista, Gabriela Pedron, destaca que não tem como falar que não existe um estigma. Ela disse acreditar que “isso é muito mais sobre como as pessoas se desenvolveram, a educação que elas tiveram ou o que acreditam. O importante é, independente de ter algum estigma, é que se a mulher gosta, se ela acredita, ela tem que estar lá independentemente”.

A dificuldade da entrada das pilotas dentro da modalidade não é apenas por causa dessas observações. A falta de patrocínio e a exclusão ativa por parte das equipes dominantes são um dos principais motivos. O automobilismo requer investimento. Por conta disso, muitos pilotos, sem condições de se bancarem sozinhos, precisam de patrocínios, sendo que a maioria das empresas dão preferência para competidores masculinos, por conta dos estigmas e por serem a maioria do *grid* nas categorias de ponta.

A fim de “resolver” o problema, foi criado em 2019 pela FIA, uma categoria exclusiva para mulheres: a *W Series*, que concretizou segregação e dificultou a evolução das mulheres para as séries mais prestigiadas.

A problemática W Series

Há quem diga que o surgimento dessa categoria foi bom para as mulheres, já que criou um espaço para elas. Isso é meia verdade. Ao mesmo tempo que a série permitiu a participação feminina e resolveu parcialmente o problema de financiamento – só foi resolvido quando houve a segregação – ela impediu que as mulheres avançassem e alcançassem as divisões de ponta.

Para exemplificar o impasse que seria a evolução da pilota para divisões, consideremos o processo para entrar na Fórmula 1. Existem diversos requisitos, mas o mais importante é a Superlicença, adquirida por meio dos pontos que um corredor obtém durante sua carreira em outras categorias. Até 2021, a pontuação conquistada pelas participantes da *W Series* não contava para a licença. Ou seja, se o objetivo fosse chegar no patamar mais prestigiado do automobilismo, seria necessário entrar em outra série para conquistá-lo. Voltamos então ao problema inicial: falta de interesse por parte dos times para contratar corredoras e falta de investimento.

Em 2022 começou a valer que até a 8ª colocada na *W Series* ganharia pontos para a Superlicença. A série faliu antes de completar o calendário, impossibilitando que as participantes acumulassem pontos suficientes para evoluir. Apesar do fracasso, a tentativa conseguiu, pelo menos, reconhecimento para algumas de suas participantes. Abbie Pulling, Chloe Chambers e Tereza Babickova foram 3 das 4 convocadas para testar o carro da Fórmula 3, em setembro de 2022.

Últimas evoluções

Apesar de comentários preconceituosos contra as mulheres, dentro e fora das pistas, o espaço delas está em constante crescimento. Antes mesmo da *W Series* falir, a FIA já estava organizando a *F1 Academy*. A nova categoria, que começa a valer a partir de 2023, é projetada para o desenvolvimento de jovens pilotas.

Administrado por Susie Wolff, a divisão promete treinar e expandir as habilidades de novas corredoras. “Após verificarmos as barreiras que jovens pilotas encaram ao entrarem na pirâmide da Fórmula 1, ficou claro que elas não têm a mesma quantidade de experiência que os pilotos têm na mesma idade” afirmou o site oficial da F1. As equipes participantes são as mesmas da Fórmula 3 e 2, tais como *Prema*, *ART Grand Prix* e *Campos Racing*, o que permite que elas façam parte das equipes, e tenham acesso a outros espaços além da *F1 Academy*.

© Divulgação



Corredoras da W Series